



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS- CCSA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

FRANCYNILDE CARDOSO PESTANA

**O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES
DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA.**

SÃO LUÍS

2018

FRANCYNILDE CARDOSO PESTANA

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: análise das percepções de
estudantes de uma escola pública.

Monografia apresentada junto ao Curso de Ciências Sociais - Bacharelado e Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais e Licenciatura em Sociologia.

Orientador: Prof^o Me. José Antonio Ribeiro de Carvalho

SÃO LUÍS

2018

Pestana, Francynilde Cardoso.

O ensino da Sociologia no ensino médio: análise das percepções de estudantes de uma escola pública / Francynilde Cardoso Pestana.– São Luís, 2018.

63 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Prof. Me. José Antonio Ribeiro de Carvalho.

1.Estudantes. 2.Ensino de Sociologia. 3.Percepção. I.Título

CDU: 316:373.5

FRANCYNILDE CARDOSO PESTANA

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: análise das percepções de
estudantes de uma escola pública.

Monografia apresentada junto ao Curso de Ciências Sociais - Bacharelado e Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais e Licenciatura em Sociologia.

Orientador: Prof^o Me. José Antonio Ribeiro de Carvalho.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. José Antonio Ribeiro de Carvalho
Orientador

Prof^a. Me. Marina Santos Pereira Santos

1^o Examinadora

Prof. Me. José Domingos Cantanhede Silva

2^o Examinador

São Luís

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado a vida, por me dar força e saúde para enfrentar todos os obstáculos que surgem no meu caminho e por toda proteção pois sem Ele não sou nada.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Adenildes Cardoso (mãe) e Marivaldo Pestana (pai), por toda força e por acreditarem no meu potencial. Agradeço em especial à minha mãe, por ter tido toda paciência comigo, por ter feito de tudo para que eu pudesse entregar este trabalho, sem ela, sem todo o esforço dela tenho certeza que não teria concluído este trabalho.

Agradeço a toda minha família que é a base de minha vida, em especial a minha prima e também irmã Ildene Pestana, pois ela com suas palavras positivas (mesmo distante fisicamente), tentava sempre me acalmar e dizia que iria dar certo.

Gostaria de agradecer a minha amiga irmã Cássia Cutrim (Mah), por ter entrado na minha vida, por ter me ajudado em toda esta minha caminhada, não só relacionada a esta monografia (foi minha orientadora risos), mas em toda minha vida, ela mais do que ninguém sabe de todos meus esforços, me conhece mais do que ninguém, e sempre torceu e vibrou com todas minhas conquistas, sejam elas pequenas ou grandes. Sou grata a Deus por ter colocado na minha vida não só uma amiga, mas uma irmã de alma.

Agradeço a minha amiga e parceira de desafios, de estágio, de UEMA, Nathalia Pinho, aquela que fora minha dupla em toda essa jornada. Só nós sabemos os obstáculos que enfrentamos, as barreiras que derrubamos nesse curso durante todo esse período, é parceira de várias vontades: de desistência, de resistência e sobrevivência (risos), porém sei que sem a sua companhia toda essa trajetória seria bem mais difícil. Agradeço também a Magno Cruz Filho, parceiro e amigo, uma das amizades valiosas que esse curso me proporcionou, também é aquele que me acolheu nos momentos mais complicados, sempre me ouviu e me apoiou, sempre esteve disposto a me ajudar independentemente de qualquer coisa.

Não poderia deixar de agradecer aos meus outros amigos que sempre me deram toda a força, desde o ombro amigo, até palavras de apoio e incentivo, são os meus presentes de Deus. Ganhei uma dádiva há 10 anos atrás que foi minha amiga Larissa Karine amizade de escola mas que agora é para toda vida, desde sempre ao meu

lado aconselhando, me ouvindo, me ajudando em todas as situações da minha vida; Ylla Fernandes, agradeço ao apoio e atenção, compreensão, paciência principalmente pelos conselhos até puxões de orelha, agradeço a Larissa Verônica, que sempre acreditou em mim, me ajudou nos momentos difíceis e sempre acreditou no meu potencial, agradeço a Natally Rodrigues aquela amiga mãezona que o curso me proporcionou conhecer, a qual sempre me disse para não desisti.

Gostaria de agradecer a duas pessoas em especial: a Valmira Cristina (sogra, amiga e segunda mãe) e Valquiria Cristina (cunhada e amiga), que Deus me deu a oportunidade de conhecer e hoje fazem parte da minha vida e são mais que especiais e essenciais, e que mesmo devido as circunstâncias da vida estão sempre ao meu lado, não me abandonaram e sei que sempre estão torcendo por mim, as quais devo agradecer por todas as palavras de apoio, de carinho, de incentivo e por toda ajuda que recebi.

Não poderia de deixar de agradecer ao meu amigo Luciano Muniz, aquele que quando perto sempre puxou minhas orelhas, que brigou quando pensei em desistir, mas que foi um dos principais responsáveis por ter continuado e hoje ter concluído mais esta fase da minha vida.

Agradeço à Coordenação do Curso de Ciências Sociais, em especial a Elyda e Adriana, profissionais estas que sempre se mostraram disponíveis em ajudar e resolver todos aqueles problemas típicos de uma universidade.

Agradeço ao meu orientador Me. José Antonio Ribeiro de Carvalho por ter me ajudado e por ter me dado todas as coordenadas e ajudas para que pudesse obter um resultado satisfatório.

Deixo meus agradecimentos a todos aqueles que estiveram presentes em toda essa minha trajetória, a todos aqueles que me ajudaram seja diretamente ou indiretamente, aos professores que sempre estão dispostos a compartilhar conhecimentos e que são responsáveis por esse resultado, a todos os colegas de turma, enfim, obrigada a todos. E perdão por não citar o nome de todos aqui.

Eis aqui uma contribuição fundamental da sociologia para os jovens educandos: o estudo e o conhecimento da realidade social, num mundo em que cada vez mais a informação torna-se instantânea e ao mesmo tempo descartável, a capacidade de seleção e questionamento são imprescindíveis para a compreensão dos processos sociais e seus mecanismos e a percepção de nossa própria condição enquanto atores sociais capazes de intervir na realidade.

(VIDOTTI, Danilo Alves)

RESUMO

Esta monografia analisa, sociologicamente, quais as percepções dos estudantes de Ensino Médio de uma escola pública, a respeito do ensino de Sociologia. Tomou-se como campo empírico a escola pública Centro de Ensino Coelho Neto. A discussão teve como objetivos: identificar a compreensão dos alunos sobre os conteúdos de Sociologia trabalhados em sala de aula, identificar os recursos metodológicos utilizados, verificar a percepção dos alunos sobre o significado do ensino da Sociologia. A abordagem sobre o contexto histórico do processo de institucionalização da Sociologia como disciplina, seus desafios e obstáculos depois de sua obrigatoriedade, relacionando com a importância da disciplina para os alunos de Ensino Médio e apontando os desafios que a mesma enfrenta atualmente no ensino público, são pontos importantes, afim de somar na compreensão sobre as percepções dos alunos.

Palavras-chave: Estudantes. Ensino de Sociologia. Percepção

ABSTRACT

This monograph analyzes, sociologically, students' perceptions of high school to a public school, regarding the teaching of Sociology. Took as empirical field public school Centro de Ensino Coelho Neto. The discussion had as objectives: identify students' understanding about the contents of Sociology worked in the classroom, identify methodological resources used, verify the students' perception about the meaning of the teaching of Sociology. The approach on the historical context of the process of institutionalization of Sociology as a discipline, its challenges and obstacles after your requirement, relating to the importance of discipline for students of high school and pointing the challenges the themselves in public education, are important points, in order to add understanding about students' perceptions.

Keywords: Students. Teaching of Sociology. Perceptions.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Respostas dos(as) estudantes do 1º ano.....	43
Tabela 2 - Respostas dos(as) estudantes do 2º ano.....	43
Tabela 3 - Respostas dos(as) estudantes do 3ºano.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Resultado da avaliação realizada pelos alunos(as) pesquisados(as) de 1º ano, sobre a metodologia utilizada pelo professor de Sociologia em sala de aula 53

Gráfico 2- Resultado da avaliação realizada pelos alunos(as) pesquisados(as) de 2º ano, sobre a metodologia utilizada pelo professor de Sociologia em sala de aula 53

Gráfico 3- Resultado da avaliação realizada pelos alunos(as) pesquisados(as) de 3º ano, sobre a metodologia utilizada pelo professor de Sociologia em sala de aula 54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2.	A TRAJETÓRIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....	17
2.1	Período de Institucionalização (1891-1941).....	18
2.2	Período de ausência da Sociologia (1942-1982).....	21
2.3	Período de Retorno Gradativo (1982-2008).....	25
3.	O ENSINO DE SOCIOLOGIA E A ESCOLA PÚBLICA.....	29
3.1	A importância da Sociologia na escola pública.....	30
3.2	O Ensinar Sociologia e seus desafios.....	34
4	AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA.....	41
4.1.	Dando voz aos(às) estudantes sobre a disciplina de Sociologia.....	42
4.2.	Aulas de Sociologia: uma avaliação dos(as) estudantes.....	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE.....	63

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia é uma das três disciplinas da área das Ciências Sociais, passando a ser reconhecida como tal, mediante os contextos das revoluções industrial e francesa, objetivando compreender os fenômenos e as transformações às quais as sociedades contemporâneas estavam vivenciando.

No Brasil, o reconhecimento da Sociologia passou a ser reivindicado, a partir da década de 1930, conforme relata IANNI (2004), “continuando pelas seguintes, em escala cada vez mais acentuada”, visando assim o seu fortalecimento estrutural dentro não apenas dos espaços e debates acadêmicos, mas em outros âmbitos da sociedade.

Este trabalho monográfico tem como ponto de partida debater e discutir sobre a Sociologia como componente do currículo escolar, fazendo uma abordagem sobre sua trajetória, ressaltando o seu percurso em prol da institucionalização como disciplina do Ensino Médio, exemplificando seus desafios e obstáculos referentes ao seu ensino básico.

A Sociologia no Brasil teve um processo marcado por diversos percalços, como a não obrigatoriedade da disciplina no currículo da educação básica. Apesar de ter sido promulgada a lei nº. 11.684/2008 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que assegura a obrigatoriedade da disciplina em todos os níveis do Ensino Médio, a luta por reconhecimento de sua permanência e relevância para os jovens da atualidade é constante.

Dificuldades que estão relacionadas com a carência de docentes formados na área, falta de materiais didáticos completos, carga horária insuficiente para desenvolvimento das aulas por parte dos docentes, ou seja, a Sociologia possui uma participação ainda tímida nas salas de aula do país, por vezes considerada como uma disciplina complementar e não como essencial para a formação do indivíduo. Obstáculos esses que pude vivenciar no meu período de estágio, em uma escola da rede pública de ensino, presenciando a realidade do ensino de Sociologia na prática, o que nem sempre condiz com o que aprendemos na teoria, e que nos permite abrir um leque de variadas e inéditas situações.

O interesse em abordar esse objeto de estudo, como temática para o trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais surgiu, como havia dito, durante o estágio curricular em licenciatura. No mesmo período realizei um projeto da

disciplina Prática Curricular, com o professor Domingos Cantanhede, onde realizei questionários com estudantes das três séries do Ensino Médio, à respeito da metodologia de ensino utilizada pelos professores. Em ambas as experiências, constatei um desinteresse considerável por parte dos discentes em relação às aulas de Sociologia, além dos seus rendimentos em sala, por vezes relacionados com a escassez de recursos metodológicos.

Tais fatos causaram-me certo desconforto, pois a princípio durante todo estágio, principalmente nas regências, por mais que fossem utilizados outros métodos para chamar a atenção dos estudantes, o resultado não era 100% satisfatório. Além de que, uma frase logo no início do período de estágio chamou atenção, logo quando fomos apresentadas como estagiárias, ouvimos: “*Deus me livre de Sociologia!*”

Dentre as respostas e opiniões que obtive no projeto, percebi que a temática demandava de um aprofundamento e análises mais criteriosas para que pudesse alcançar o objetivo ao qual esse trabalho monográfico se propõe.

Várias são as pesquisas e trabalhos voltados ao professor e suas dificuldades ao ensinar sociológico. No entanto, percebi que havia necessidade de investigar sobre qual a “importância” da Sociologia para os(as) estudantes, a partir da análise do olhar desses atores sociais, sobre o ensino de Sociologia.

Contudo, na presente monografia, o objetivo principal será trabalhar as percepções dos estudantes de Ensino Médio sobre o ensino de Sociologia, em uma determinada instituição escolar pública de São Luís do Maranhão. Pretende-se também compreender se os estudantes consideram-na relevante, se a conseguem identificar fora do ambiente escolar e, se sentem dificuldades na compreensão da mesma.

Partindo das opiniões dos(as) estudantes, analisa-se como a Sociologia é trabalhada pelos docentes e quais os recursos metodológicos utilizados em sala de aula. A fim de observar se tais situações interferem ou não na forma como os discentes enxergam a disciplina.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola de rede pública de ensino, devido principalmente às experiências vivenciadas durante o estágio licenciatura e por ouvir relatos de outros estagiários sobre as dificuldades com os estudantes de ensino médio das escolas públicas, aumentando ainda mais o interesse por trabalhar esta temática.

Para obtenção dos dados, foram aplicados questionários com os estudantes de ensino médio da escola Centro de Ensino Coelho Neto, localizada em São Luís, capital do Estado do Maranhão.

O questionário é uma forma de coleta de dados, que já possuem perguntas pré-elaboradas, relacionadas ao tema. CHIZOTTI (1995) aponta que os questionários possuem “o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar”.

A escolha desta técnica resultou da observação em uma experiência anterior, em outra instituição, onde pude perceber que os estudantes sentiam-se mais confortáveis em responder questionários individualmente do que uma entrevista, onde estariam em contato direto com a pesquisadora.

O questionário aplicado possuía perguntas abertas e fechadas, e fora aplicado a 30 estudantes, escolhidos de forma aleatória. Os mesmos eram das três turmas do Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano), como forma de obter opiniões de discentes em estágios diferentes de contato com a disciplina de Sociologia. Vale ressaltar que os nomes utilizados neste trabalho são todos fictícios, para não comprometer o anonimato dos(as) informantes.

O método dialético fora o que mais se encaixou neste trabalho, onde foram feitas análises e comparações entre as respostas obtidas.

O procedimento discursivo utilizado foi a análise qualitativa, a fim de explicar os testemunhos e experiências dos(as) informantes. Desta forma, coube empregar as técnicas de transcrição das falas dos(as) estudantes, agrupado suas respostas em tabelas e gráficos, confrontando-as através dos dados coletados nos questionários. A análise de tais dados visou a descrição e teorização a partir da visão de cada informante, sem intenção de quantificá-los ou apenas obter resultados.

Como suporte para este trabalho monográfico, foram realizadas pesquisas bibliográficas, como leitura de dissertações, artigos, livros de autores e pesquisadores que abordavam sobre este assunto, fortalecendo a discussão e possibilitando uma fundamentação mais consistente.

O eixo temático desta monografia é pautado em três capítulos. O primeiro, intitulado *A trajetória da Sociologia no Ensino Médio*, está voltado para a Sociologia enquanto disciplina componente do currículo escolar, e não para a Sociologia enquanto ciência, que também passou por diversas lutas, durante um mesmo período, o que geraria outro debate. Cada etapa da Sociologia como disciplina, é marcada por

um momento histórico importante, por isso será apontado de forma sucinta os fatos que foram incisivos nesse percurso da Sociologia no ensino médio até os dias atuais.

Em continuidade, abrimos a discussão para o capítulo descrito como *O Ensino de Sociologia e a escola pública*, é composto por uma discussão direcionada à Sociologia como disciplina logo após ser estabelecida como disciplina obrigatória do currículo escolar. Primeiramente é feito uma breve abordagem sobre a escola pública, relacionando-a com a trajetória da Sociologia, com o intuito de demonstrar que concomitantemente a esse processo, a escola pública também passara por transformações além de explicitar sobre a importância da disciplina na vida dos indivíduos. No decorrer do capítulo será apontado de forma breve os diversos desafios e obstáculos que a Sociologia escolar ainda enfrenta para ser reconhecida como uma disciplina essencial, com o objetivo de demonstrar como a Sociologia ainda carrega consigo vestígios de todas as lutas que travou para o seu reconhecimento como disciplina, e que mesmo depois de se tornar obrigatória ainda é colocada à margem em relação as demais disciplinas do currículo do Ensino Médio.

O último capítulo, intitulado *A percepção dos alunos sobre o Ensino de Sociologia*, aborda por fim os resultados e discussões sobre os questionários aplicados com os(as) alunos(as), com o intuito de identificar quais as percepções dos mesmos sobre o ensino de Sociologia em sua escola, ou seja, qual o significado que atribuem a Sociologia, além de fazer uma análise sobre a visão dos estudantes sobre as aulas da referida disciplina, além de identificar quais os recursos metodológicos utilizados pelos professores responsáveis por lecionar a mesma, ressaltando que o objetivo do capítulo não é fazer um julgamento sobre cada docente, mas apenas analisar e compreender através das respostas obtidas, partindo da visão dos(as) alunos(as), quais a significância da Sociologia na vida dos(as) estudantes.

Por fim temos as *Considerações Finais*, onde é relatado de forma sucinta os resultados obtidos nesta pesquisa. Deve-se reforçar que as análises não estão fechadas, o que pode gerar possíveis estudos acerca do objeto em questão. Este trabalho monográfico não pretende esgotar o tema proposto, mas gerar reflexões e possíveis questionamentos sobre a temática em questão.

2. A TRAJETÓRIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

O papel da Sociologia no Ensino Médio é despertar nos(as) estudantes um estranhamento, uma desnaturalização, promover questionamentos e estimular a criticidade dos mesmos sobre os fenômenos sociais. Por isso, a princípio não resta dúvidas sobre a importância da disciplina, no currículo da educação básica.

Todavia para que a Sociologia se tornasse obrigatória nos currículos nacionais, vários foram os desafios enfrentados. Com a sua inserção como disciplina das escolas de ensino básico, alguns problemas foram constatados, um deles está diretamente ligado à luta pela sua legitimidade e obrigatoriedade. Tais desafios – políticos, econômicos e culturais – trazem resquícios da trajetória educacional no Brasil principalmente voltados ao ensino público, observados no contexto atual da sociedade brasileira.

Por esta razão, torna-se de extrema importância fazermos um breve levantamento do contexto histórico da Sociologia como disciplina do Ensino Médio, destacando fatos relevantes que favoreceram sua instauração como componente curricular da educação nacional.

A sua trajetória é marcada por várias idas e vindas, inclusões e exclusões do currículo escolar. Neste capítulo, identificaremos que a Sociologia estava submetida aos governos em vigência em cada período, desde 1889 com a Proclamação da República, posteriormente com a ditadura militar e, por fim com o período de redemocratização. Toda sua instabilidade perpetrada nessas fases é em decorrência dos interesses das classes dominantes, vigentes em cada uma delas.

Embora o direcionamento deste capítulo esteja na trajetória da Sociologia no Brasil, principalmente para a disciplina no Ensino Médio, é importante frisar, em âmbito geral, que a Sociologia como ciência é resultado de várias mudanças recorrentes de duas grandes revoluções, a industrial e a francesa, as quais modificaram profundamente toda a estrutura e pensamento da sociedade da época, por volta de meados do século XVIII, no continente europeu, possibilitando novos questionamentos e a instauração de uma nova área do conhecimento específica, que pudesse auxiliar na busca por respostas à tais mutações, as Ciências Sociais, cuja criação foi marcada pelas pesquisas e análises de pensadores renomados como Comte, Durkheim, Marx e Weber.

Como ramo integrante das Ciências Sociais, juntamente com a Antropologia e a Ciência Política, a Sociologia foi instaurada no Brasil, mais precisamente como disciplina para as escolas de nível básico, com um histórico marcado de instabilidade, por toda uma luta pela institucionalização e reconhecimento como disciplina integrante no currículo. Durante boa parte da história contemporânea da educação brasileira, a Sociologia resistiu para ser integrada nos currículos escolares.

A Sociologia, como aponta SANTOS (2011), sempre ficou à mercê das transformações que ocorriam nos modelos curriculares que acompanhavam as mudanças na educação, principalmente na política, economia, cultura e na sociedade brasileira em geral.

A instabilidade da Sociologia como disciplina sempre caracterizou sua ausência ou permanência em âmbito escolar. Marcada por uma longa trajetória que se inicia ainda no final do séc XIX, a Sociologia acompanhou todas as mudanças ocorridas no país pós-escravidão: consolidação da república, processo modernizador proposto por Getúlio Vargas, a ditadura militar e redemocratização. (SANTOS, 2011).

O surgimento da Sociologia no Brasil aponta exatamente o momento em que a sociedade brasileira enfrentava diversas transformações, e por essa razão acabou acompanhando os impactos causados pelas mudanças em todo contexto político, social, econômico e cultural, interferindo na sua presença ou ausência no currículo do ensino secundário/médio. (FEIJÓ, 2012).

No tópico seguinte, abordaremos o primeiro período citado, intitulado de Institucionalização, abrangendo os anos de 1891 à 1941, o qual trará as primeiras tentativas de instauração da disciplina.

2.1 Período de Institucionalização (1891-1941)

Com a Proclamação da República no Brasil, mais precisamente em 1891, com a reforma educacional do Governo Provisório da República do Marechal Deodoro da Fonseca, chamada de reforma de Benjamin Constant¹, os ideais positivistas da

¹ O Ministro da Instrução Pública de acordo com SANTOS (2002), tinha como um dos seus focos executar as ideias educacionais do grupo que tomara poder, em 1889, com a Proclamação da República, dentro destes, estava a laicização dos currículos de todos os níveis escolares.

época, iam de contra o regime monárquico que tinha enorme influência da Igreja, afetando diretamente a educação da época. Desta forma, anseios por uma reforma educacional, que possibilitasse um país mais moderno e livre das influências do governo imperial e eclesiástico, era a opção mais favorável no momento.

Nesse contexto, o novo modelo educacional acompanharia a proclamação republicana, como novo modelo político, uma vez que os ideais da aristocracia-rural ainda estavam muito arraigados no ensino da época. É nesse momento que a Sociologia surge como parte do currículo, do 7º ano, como Sociologia e Moral, concluindo o curso². Pois de acordo com Feijó (2012), a Sociologia, vista naquela época como uma ciência positivista, era de extrema importância para aquele momento de transição. No entanto, um dos maiores problemas positivistas, estaria na ausência de uma teoria científica que fundamentasse a ação política, sendo, portanto, o maior obstáculo no processo de desenvolvimento da nação na época do Império (Guerreiro Ramos *apud* Santos, 2002).

A nova proposta de reforma educacional, traria a inserção de novas disciplinas, ressaltando a cientificidade, levando em consideração a proposta de Comte, de basear suas medidas na hierarquia das ciências. Das inúmeras mudanças da reforma Benjamin Constant, destaca-se, aquela que está relacionada ao currículo escolar e as divisões das disciplinas por ano:

(...), no currículo estabelecido pela Reforma Benjamin Constant, a Matemática seria a disciplina central nos 1º, 2º e 3º anos, a Astronomia no 4º ano, a Física e a Química no 5º ano, a Biologia no 6º ano, e no 7º ano, estaria a Sociologia, como síntese da evolução das ciências estudadas nos anos anteriores. (SANTOS, 2002, p.29).

A Sociologia nesse período tinha o papel de acordo com SANTOS (2002), de fazer com que seus alunos pudessem estudar os princípios relacionados ao comportamento racional e científico, como meio de consolidar a organização social republicana, levando em consideração os conteúdos como economia política, noções de direito pátrio e economia do Brasil. (SANTOS, 2002).

² De acordo com SANTOS (2002), o Decreto nº98, de 08 de novembro de 1980, algumas medidas foram estabelecidas, como: eliminar os exames parcelares preparatórios, instituir exames finais nas disciplinas, além de exames para verificar se o aluno teria cultura intelectual para ingressar em cursos superiores e por fim organizar, o curso onde o 1º ano iniciaria com aritmética e concluído com Sociologia e Moral no 7º ano.

Infelizmente a Reforma Benjamin Constant foi parcialmente executada, cuja algumas razões para sua baixa aplicabilidade estava atrelada às ideologias distintas, além da ausência de uma infraestrutura institucional e do apoio das elites, conforme aponta Romanelli (2010).

A não operacionalização da Reforma trouxe consigo consequências diretas para a Sociologia, uma delas foi a sua retirada do currículo escolar, realizada através do Decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901, chamada de Epitácio Pessoa, tendo sido retirada antes mesmo de ser ofertada.

Na realidade, durante todo o final do século passado, a edição de diversos dispositivos legais modificou paulatinamente a proposta de certificação, exames e organização curricular da reforma. Tais dispositivos foram consolidados no Decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901, a denominada reforma Epitácio Pessoa, que retirou oficialmente a Sociologia do currículo, sem que ela nunca tivesse sido ofertada. (SANTOS, 2002, p. 30).

Através da instauração da nova Reforma, dessa vez realizada pelo Ministro Rocha Vaz, em 1925 é que a Sociologia volta aos currículos da educação nacional. Um dos motivos do retorno era que esta reforma partilhava de um dos princípios da Reforma de Benjamin Constant, o ensino secundário com o objetivo direcionado para a formação dos adolescentes.

Por meio do Decreto nº 16.782-A de 13 de janeiro de 1925, e da instauração do regime seriado de seis anos, a Sociologia, passou a ser lecionada como disciplina do sexto ano, juntamente com Literatura Brasileira, História da Filosofia e Literatura das Línguas Latinas, de acordo com Santos (2002). Mas enfatizando que o último ano não seria obrigatório para a conclusão do ensino.

A Sociologia como disciplina foi ofertada aos alunos do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro e em 1928, e aos alunos dos cursos normais de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, fato visto como um marco da sua institucionalização nas escolas brasileiras. (MEUCCI, 2015).

Assim como a Reforma Benjamin Constant, a Reforma Rocha Vaz, também sofreu diversas modificações isso em detrimento das oposições das elites, que eram contra o regime seriado, mas o que não trouxe muitas modificações curriculares.

Em 1930, a Reforma coordenada pelo ministro Francisco Campos, modificou ainda mais o cenário educacional nacional, pois, “reorganizou o ensino secundário através do Decreto nº 19.890, de abril de 1931, e do Decreto nº 21.241,

de 4 de abril de 1932. Essa reforma dividiu o ensino secundário em dois ciclos: Curso fundamental, de cinco anos e o curso complementar, de dois anos [...]” (MACHADO,1987, p.120).

A Reforma de Francisco Campos trouxe consigo a mesma preocupação, das demais reformas citadas anteriormente, relacionadas à identidade do ensino secundário. Dentre seus objetivos, estava a questão da organicidade do ensino, cujo um dos principais objetivos era oferecer a formação básica geral dos adolescentes e um ciclo complementar de dois anos, “destinados à preparação para o ingresso nas faculdades de direito, ciências médicas e de engenharia e arquitetura”. (SANTOS, 2002).

A Sociologia a partir daquele momento tornara-se obrigatória nos cursos preparatórios e no curso normal, voltado para a formação de professores primários. Cabe levar em consideração, que por não possuir professores formados na área de Sociologia, a disciplina era lecionada por profissionais formados na área de advocacia, medicina e engenharia.

O período de 1930 a 1942 é marcado por diversas lutas de reconhecimento da Sociologia, tanto no âmbito do ensino secundário, como no ensino superior. É no início então de 1930 que as discussões giram em torno das Ciências Sociais nas universidades do país, o que mobilizou e reuniu diversos estudiosos da área a fim de fortalecer e fundamentar sua importância e reforçar seu caráter científico.

Porém, redirecionando novamente, a atenção para a Sociologia, no ensino secundário, a obrigatoriedade até então oficializada, estaria com seus dias contados, como de fato aconteceu por volta de 1942, como abordaremos no tópico seguinte.

2.2 Período de ausência da Sociologia (1942-1982)

A partir de 1937, as reformas anteriormente citadas, deixam de ser válidas e a Sociologia é retirada dos currículos escolares. Período marcado por grandes transformações na sociedade brasileira, como o golpe que levou Getúlio Vargas ao governo, o qual devido a uma crise política após a Intentona Comunista, instaurou uma postura mais repressiva, deixando o conteúdo legislativo de lado.

Por volta de 1942, administrada pelo então ministro da educação Gustavo Capanema, uma nova reforma surgia em favor da educação. Esta reforma era contra

a Reforma do ministro Francisco de Campos, ou seja, uma reação ideológica, sendo que sua estrutura apontava uma formação de cunho mais científico, dentro do contexto de modernização do país. (FEIJÓ, 2012, p. 56).

Simone Meucci (2015), sobre esse período aborda que considerando que a Sociologia escolar teve grande êxito relacionado à crise do pacto republicano e à aspiração por uma organização nacional antiliberal, o esgotamento desses fundamentos logo nos primeiros anos da década de 1940, fez com que ela desaparecesse da escola.

Nesse período, surge a reforma Capanema, a mesma foi administrada pelo então ministro da educação Gustavo Capanema, por isso a reforma faz referência ao seu nome, teve influência da Igreja Católica, que era liderada por Alceu Amoroso. O governo tinha, portanto nesse contexto, o principal objetivo de controle e poder sobre a população, sendo a educação vista então como um dos principais meios de obter tais objetivos. Por isso, o Estado cuja ideologia era com base no fascismo, necessitava que a educação fosse controlada, para que não fosse tomada por ideais comunistas, ou seja, a educação como forma de combate ao comunismo no país.

A reforma Capanema será então a responsável por fazer essas mudanças no ensino brasileiro, levando sempre em questão esses objetivos. Segundo, SANTOS (2002) ao debater sobre o assunto aponta que:

A reforma Capanema, instituída pela denominada Lei Orgânica do Ensino Secundário, criou uma organização estrutural para a educação média que perdurou por quase trinta anos. Conforme o Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942, o ensino secundário seria dividido em dois ciclos: o ginásial e o colegial. (p.42)

O autor complementa ainda, relatando que o ginásio seria dividido em quatro anos, e o período do colégio (colegial) seria de três anos. O período do colégio tinha a oferta de dois cursos paralelos, um científico e outro clássico; o primeiro com a formação em estudos das ciências e, o segundo com formação nos conhecimentos filosóficos e estudos de letras antigas. Para que fosse possível a inscrição no vestibular a conclusão de um dos cursos era necessária. (SANTOS, 2002).

Permaneceu ainda a distinção entre o ensino secundário comum e o profissionalizante; o primeiro era direcionado para a elite da época, enquanto que o segundo era voltado para alunos de origem social simples.

O governo, além de perceber que a educação era um instrumento pelo qual poderia ter controle da população, estabeleceu de forma diretamente a divisão de papéis sociais na sociedade.

Desta forma, com o objetivo de separar o ensino secundário do ensino superior, ou seja, o mesmo teria o seu próprio projeto pedagógico, a Reforma Capanema, acabou ainda com os cursos complementares que preparavam os alunos para o ingresso nos cursos superiores de direito, medicina e engenharia. Sendo assim, a Sociologia vista como uma disciplina preparatória e não formativa, foi retirada do currículo:

Uma das consequências do fim desses cursos foi a eliminação daquelas disciplinas como a Psicologia, a Geofísica e a Sociologia que na perspectiva posta pela Reforma Capanema desempenhavam uma função mais preparatória do que formativa. Nessa Reforma, então, a Sociologia perde o caráter de disciplina e alguns dos seus conteúdos passam a integrar a proposta curricular de Filosofia no 3º ano do curso clássico. (SANTOS, 2002 p.43)

É possível perceber diante desse breve relato, que a Sociologia sempre ficou dependente das políticas e dos governos vigentes de acordo com determinado período histórico, e todo esse processo de ida e vinda, é resultado de uma série de circunstâncias de tais épocas.

No período em questão, temos como fator determinante na história do Brasil, a ditadura militar, marcada pela repressão, controle sob as ideias, onde qualquer pensamento e ideologia contrária ao Estado era rapidamente banida. Período este que o “pensar” era controlado e peneirado para que não prejudicasse todos os planos do governo da época.

Por volta de 1950, surgiram diversos debates sobre a reinserção da Sociologia como disciplina no Ensino Médio. A sociedade brasileira estava passando por mudanças significativas na época, sendo então necessária a Sociologia como ciência, para se ater para essas problemáticas. Dentre os grandes defensores do ensino da Sociologia destacam-se, Florestan Fernandes, Antonio Candido e Costa Pinto, como aqueles que sempre debateram sobre a importância do ensino da Sociologia.

Com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases, nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, promulgada no país, não houve modificação na essência da reforma, apenas

manteve a divisão do ensino médio: ginásial e colegial, como abordado anteriormente, não tendo inovações para essa nova reforma.

Mas a primeira LDB não se diferenciava muito da Reforma Capanema, no que tange a sua estrutura; a nova lei apenas possibilitou maior autonomia aos estados, para organizarem suas disciplinas e seus conteúdos. A Sociologia continuava sem o caráter de obrigatoriedade, figurando como optativa num rol de mais de cem optativas que poderiam ser escolhidas pelos estados. (FEIJÓ, 2012, pag.63).

Apesar da Sociologia ainda aparecer mesmo como uma opção, essa possibilidade fora praticamente extinta, a partir de 1964, com o golpe militar. Todas as discussões que existiam anteriormente, direcionadas para o ensino da Sociologia foram desarticulados com o regime autoritário que se estabelecia naquele momento. O objetivo do regime militar no Brasil era instalar no ensino secundário, um caráter mais profissionalizante e pragmático, que fora atribuído através de uma nova legislação, que entraria em vigor em 1970, sendo assim a Sociologia perdendo cada vez mais espaço nos currículos.

Com a nova reforma educacional, o currículo do segundo grau, foi dividido em núcleos: o currículo comum, como era chamado onde teria as disciplinas obrigatórias e o outro currículo diversificado, onde teria as disciplinas optativas, tudo indicado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), que ficaria à disposição das escolas.

Segundo Feijó (2012) a Sociologia não fazia parte do grupo das disciplinas obrigatórias, era assim optativa, sendo vista como uma disciplina que não tinha um caráter de habilitação profissional de educação, ou seja, era preferível dar importância àquelas disciplinas que levassem à prática dos conteúdos ensinados.

Nos pareceres e resoluções do CFE que regulamentaram a reforma, Sociologia, novamente, não foi incluída no núcleo comum, mínimos profissionalizantes e parte diversificada. O núcleo comum seria constituído pelas disciplinas escolhidas pelo Conselho Federal de Educação (CFE), de caráter obrigatório em todos os cursos. Os mínimos profissionalizantes seriam constituídos pelas disciplinas escolhidas pelo CFE para cada uma das habilitações. E na parte diversificada seriam incluídas aquelas disciplinas listadas pelos conselhos estaduais para a escolha das escolas. Tais disciplinas teriam como objetivo o aprofundamento da educação geral e a especialização dos mínimos profissionalizantes. (SANTOS, 2002, p.46).

Por volta de 1970 e 1980, por mais que não faltassem políticas educacionais, as mesmas eram descompromissadas com a qualidade e

democratização do ensino, pois a educação não deveria expandir-se à toda população (FEIJÓ, 2012). As classes menos favorecidas deveriam manter-se trabalhando para o desenvolvimento do país (através do ensino profissionalizante), enquanto às elites seria dado o direito de acesso ao ensino superior.

Durante esse período percebe-se que não era interessante dar atenção para as disciplinas que estimulassem o intelecto dos indivíduos, e sim aquelas que iriam proporcionar uma rápida formação suficiente para ser utilizada no trabalho. Os conteúdos então das disciplinas de ciências humanas tiveram suas cargas horárias diminuídas, sendo a Sociologia e a Filosofia, praticamente excluídas do currículo da época, dando ênfase, aquelas que reforçavam toda a doutrina do regime militar.

2.3 Período de Retorno Gradativo (1982-2008)

Por volta das décadas de 70 para 80, a sociedade brasileira passou por uma crise econômica, a chamada crise do Milagre Econômico brasileiro, concomitantemente com isto chegava ao fim o regime militar, ocasionado pelo fracasso do modelo econômico e das políticas sociais, além de que nesse período o país almejava por uma redemocratização. Sendo assim, a crise econômica vivida pelo país naquele momento, não mais atendia aos objetivos das escolas profissionalizantes que tanto era prioridade para o governo anterior.

A redemocratização do país tornara-se responsável por diversas transformações na sociedade brasileira a partir daquele momento. Surgiram diversos movimentos sociais, políticos e culturais, que iriam afetar e transformar todas as questões socioeconômicas e políticas do país, não deixando de fora a educação. Aquele novo contexto permitiu que críticas fossem feitas, sobre a legislação voltada para a educação, o que naquele momento de abertura política “lenta, gradual e segura”, como aborda Feijó (2012), o governo lançou uma nova lei educacional, mais flexível, lei 7044/82, que acabou retirando o caráter compulsório do ensino profissionalizante no segundo grau, permitindo que novas disciplinas optativas, pudessem ser introduzidas.

Sendo que primeiramente, o governo de acordo com Santos (2002), já havia enviado ao Congresso um projeto que substituísse a lei 5.692/71, para que chegasse ao fim a obrigatoriedade da profissionalização no 2º grau.

Aquele contexto tornou-se favorável para o retorno do interesse pelas ciências sociais, os movimentos sociais que ali tomaram força, foram objetos de investigação e de interesse por parte do público que queria conhecer mais de perto cada um desses movimentos. O país estava naquele momento, com a sociedade com uma tamanha efervescência.

Através da Resolução nº6/1986 do Conselho Federal de Educação, houve o retorno da Filosofia como uma disciplina de núcleo comum, sendo a Sociologia apenas como integrante das disciplinas comuns, surgindo como uma possível possibilidade nos cursos acadêmicos. Por essa razão, a Sociologia ficou dependente da vontade daqueles que optassem por tê-la em seu currículo. Diante disto, muitos foram os debates que defendiam o retorno da Sociologia ao ensino do segundo grau:

Houve diversas manifestações reivindicando a volta da Sociologia ao ensino do segundo grau, possibilidade que se apresentava aos educadores e cientistas sociais com a abertura propiciada pela nova lei. Em 1982, a oposição do governo – o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – conseguiu diversas vitórias nas eleições para governadores estaduais, de forma que vários deles, estimulados pelas diversas manifestações em prol do retorno da Sociologia ao ensino de segundo grau, introduziram essa disciplina em algumas escolas. (FEIJÓ, 2012, p.68).

Em alguns estados, as manifestações em favor da inclusão da Sociologia no currículo do Ensino Médio, foram bastante intensas, como exemplo em São Paulo, como as mobilizações e movimentos que almejavam a reinserção da disciplina nos currículos, gerando a abertura de um concurso público para professores de Sociologia no ano de 1986. (SANTOS, 2002).

A reinserção da Sociologia nos currículos escolares foram distintos em alguns estados do Brasil, ou seja, cada um com seus próprios acontecimentos, porém todos fruto, não somente das manifestações dos grupos interessados, mas devido ao contexto de redemocratização do país. Além disso, tais acontecimentos favoreceram novas pesquisas no ramo das Ciências Sociais, devido à necessidade em compreender e entender os diversos tipos de movimentos sociais em evidencia.

Todos esses fatores, foram favoráveis para evidenciar a importância da Sociologia no Ensino Médio. A sociedade naquele momento estava mais reflexiva em decorrência desse processo de redemocratização, então esta disciplina seria uma ferramenta de compreensão sobre as relações sociais, permitindo que o(a) aluno(a)

saísse dos âmbitos do senso comum e pudesse se reconhecer como indivíduo atuante e pertencente aquela sociedade.

As discussões sobre a inclusão da disciplina, chegou em âmbitos maiores, como por exemplo o Congresso Nacional, pois no início dos anos 90, um projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação estava em tramitação.

Nesse período é importante destacar o ano de 1996, ano que se tornou importante para a educação brasileira, como ressalta Moraes (2010), “marca a chegada, ainda que tardia, da transição democrática para a educação, embora também um tanto ambígua.” Ou seja em 20 de dezembro de 1996 foi sancionada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei Federal nº 9.394/96).

Nessa lei, Sociologia é nomeada, claramente, junto com Filosofia; no entanto, o tratamento a ser dado a ambas permanece obscuro na expressão “domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (lei n.9394/19916, art.36, § 1º, III) (MORAES,2010, p. 12).

A leitura desse artigo, porém, não deixava claro a obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia, sendo assim em 1997, começava a tramitar na Câmara dos Deputados o projeto de lei n. 3.178/1997, que tinha como objetivo alterar o art.36 da LDB, além de propor uma redação menos ambígua, deixando explícita que as disciplinas fossem obrigatórias no ensino médio.

O projeto para a obrigatoriedade das disciplinas é aprovado na Câmara, indo até o Senado onde recebe o n.9/2000, tramitando sem grandes dificuldades até chegar ao plenário. O projeto tinha o governo que se opunha a sua realização, porém fora aprovado em 18 de setembro de 2001. Porém em menos de 1 mês, o presidente da República Fernando Henrique Cardoso, veta-o integralmente.

O período entre 1998 à 2008 foi marcado por diversas discussões, debates, sobre a importância da sociologia nos currículos escolares. Em 2008, segundo Moraes, o “Congresso aprovou a lei n. 1.641/2003, em tramitação, sendo sancionado pelo presidente em exercício como lei n.11.684/2008, que altera a LDB, tornando obrigatórias as disciplinas de Sociologia e Filosofia nas três séries do ensino médio”.

Foram mais quase dois anos de debates, idas e vindas para, finalmente, em 2008, o Congresso aprovar o projeto de lei n.1641/2003, em tramitação, sendo sancionado pelo presidente em exercício José Alencar como lei n.11.684/2008, que altera a LDB, tornando obrigatórias as disciplinas Sociologia e Filosofia nas três séries do ensino médio. (MORAES, 2010, p.17).

Com os ideias de redemocratização da sociedade brasileira, a Sociologia deixou de ser teoricamente vista como uma disciplina complementar e, através da lei nº 11.684, passou a ser vista como importante para o ensino e conseqüentemente formação dos indivíduos, como aponta Vargas (2011); porém ainda haveriam desafios à enfrentar.

Com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, esse banimento foi abolido, a sociologia foi reabilitada, considerada legítima, deixando de ser um conhecimento maldito. No entanto, seu processo de integração ao mundo escolar se efetiva através de um reconhecimento insuficiente, frágil, incerto. (VARGAS, 2011).

A partir daquele momento a Sociologia passaria a fazer parte da grade curricular do Ensino Médio, o que não indica que sua luta e seus desafios seriam encerrados naquele instante. Os obstáculos agora estariam ligados a sua atuação na última fase da educação básica, ou seja em sua aplicabilidade no Ensino Médio.

3. O ENSINO DE SOCIOLOGIA E A ESCOLA PÚBLICA

No capítulo anterior, observamos a intermitência percorrida pela Sociologia no Brasil, em busca de se estabelecer como disciplina do Ensino Médio, fato ainda discutido nos dias atuais. Cada um dos períodos, trabalhados anteriormente, refletem na maneira como a Sociologia é vista diante das demais disciplinas do currículo nacional.

Em primeira instância, talvez fosse possível enumerar algumas dentre as diversas dificuldades que inviabilizaram a permanência e reconhecimento da Sociologia, como parte integrante e decisiva na formação crítico-social dos(as) jovens. Poderíamos arriscar dizer que, dentre alguns dos resquícios sejam: a carga horária insuficiente para absorção e despertar do interesse dos(as) estudantes; a não utilização correta dos livros didáticos, sua desatualização e/ou sua substituição por apostilas (apesar de haver no mercado, livros didáticos de referência na área de Ciências Sociais); aulas ministradas por docentes sem formação na área, com a justificativa de complemento de carga horária.

Desta forma, a compreensão da importância e do porquê ensinar Sociologia ainda é limitada. Por se tratar de uma ciência da sociedade, acredita-se que ensinar Sociologia pode ser feita por qualquer docente, sem precisar de uma formação específica. Essa situação é algo comum, nas diversas escolas públicas de Ensino Médio do nordeste brasileiro, ao que temos conhecimento de caso, o que acaba sendo uma grande dificuldade também para aqueles profissionais formados em Ciências Sociais, devido a ocupação das vagas serem preenchidas por demais professores(as) cuja formação é em áreas distintas.

A consequência dessa situação, em modo particular, é observada na ausência de habilidades e competências necessárias, que só um docente da área das Ciências Sociais, teria para assumir tal cargo. O(a) professor(a) que passa a ministrar aulas de Sociologia para cobrir sua carga horária semanal, por vezes, não terá condições de dedicar-se integralmente no planejamento e demais atribuições que cabem à profissão, nas duas disciplinas, visto que os(as) professores(as) geralmente ministram aulas em mais de uma turma na mesma escola.

Além disso, por não possuir de forma aprofundada o conhecimento acadêmico das teorias e análises da Sociologia, os assuntos passados aos alunos poderão dar-se de forma superficial, ocasionando em um não entendimento do

conteúdo trabalhado ou mesmo numa compreensão equivocada, gerando apenas a reprodução do que o próprio professor acredita. Fica então no imaginário, a seguinte reflexão: se qualquer profissional pode ensinar Sociologia, é porque tais conhecimentos são de fácil compreensão, por se tratar de assuntos cotidianos, sendo assim desnecessário um horário para a mesma nas escolas.

Talvez alguns indivíduos alimentem esse tipo de pensamento, mas não podemos fazer pré-julgamentos e suposições sem fundamentos, sem lembrarmos que, a Sociologia e sua construção não podem ser analisadas de forma unilateral ou mesmo sem levarmos em consideração todos os aspectos geográficos, históricos, culturais, políticos e sociais aos quais está inserida.

Por essa e outras razões que, neste capítulo, abordaremos sobre as análises do Ensino da Sociologia no Brasil, frisando a realidade das escolas públicas, e levando em consideração o contexto vivenciado, na capital maranhense, São Luís.

3.1 A importância da Sociologia na escola pública

Dentre os debates que apresentamos no segundo capítulo, referente às análises que iremos trabalhar na compreensão da importância da Sociologia no Ensino Médio, foram os embates travados para consolidação e reconhecimento desta disciplina, por vezes submetida aos interesses de governantes e demais políticas dos períodos históricos deste país. Mesmo após sua estabilidade e obrigatoriedade ter sido firmada no ano de 2008, através do art.36 integrado à Lei nº9.394 de novembro de 1996, diversos ainda são os debates que giram em torno da Sociologia, como sua importância referente ao seu ensino e a sua relação com a escola pública.

A discussão à respeito da institucionalização da Sociologia no Brasil, não deixa de estabelecer alguns pontos em comum com construção e obrigatoriedade da escola pública. Uma vez que a educação, aos moldes da sociedade de classes e reproduzindo as desigualdades sociais, conforme aponta Bourdieu (2007), traz consigo reflexos socioculturais e políticos de determinado período histórico. Na interpretação sociológica, o processo de formação educacional, desde o período colonial, apresenta como herança tradicional, mazelas persistentes nos dias atuais.

Todas essas características estabeleceram “uma dualidade na identidade do Ensino Médio (formação geral e/o profissional)”, além de movimentos constantes

de reformas na estrutura política do país, ocasionando a inclusão e/ou exclusão de conteúdos do currículo nacional, como é o caso das disciplinas como Sociologia e Filosofia. Por conta disso, as deficiências encontradas hoje nas escolas públicas de Ensino Médio, expressam o processo de industrialização tardia, que ainda estabelecia relações com o padrão oligárquico tradicional. (KRAWCZYK, 2014).

Como apontado nas discussões anteriores, a Sociologia foi moldada e teve que se adaptar às realidades sociais e políticas brasileiras, da mesma forma que a instauração da escola pública de Ensino Médio, como direito dos(as) cidadãos(ãs) do país. Apesar das novas oportunidades, que surgiram com o acesso e inclusão de um público advindo das classes menos favorecidas na sociedade, outros eram os motivos pelos quais a população passou a ter acesso à escola gratuitamente.

Estabelecida como direito à todos(as) os indivíduos, a escola pública fora criada com os ideais de democratizar o ensino, pelo governo do então presidente Getúlio Vargas (período entre 1930 à 1945). No entanto, o ensino público foi institucionalizado com a finalidade de fortalecer economicamente o país, através da educação tecnicista. Quanto mais pessoas tivessem acesso à escola e pudessem desenvolver um ofício em um curto espaço de tempo, mais rápido estas entrariam no mercado de trabalho, ocupando cargos nas indústrias implantadas na época.

Apesar do avanço e das novas oportunidades agregadas à realidade das classes populares, o saber como aponta Foucault (2013), sinônimo de poder e pertencente à poucos, ainda era ensinado de maneira diferenciada dentro da sociedade, marcada por interesses de determinadas camadas. Se por um lado, Marx ao retratar que somente por meio da tomada de consciência e posicionamento crítico e político é que as transformações sociais poderiam enfim gerar uma revolução, sendo seus percussores, os operários e a classe trabalhadora em geral; por outro, os Estados capitalistas, visavam evitar uma educação reflexiva e crítica, por medo do comunismo.

Tais pensamentos moldaram a educação mundial, com resquícios ao modelo construído no Brasil até aos dias de hoje.

Além do mais, como a ciência moderna e suas promessas de futuro tinham pleno vigor, a educação do século XX esteve voltada para tecnologia. A consequência disso é que chegamos ao século XXI com um imenso desenvolvimento tecnológico, mas, ao mesmo tempo, com cada vez mais alarmante imaturidade política e social. (MOSÉ, 2013).

A título do Estado do Maranhão historicamente a oferta da educação, de acordo com Mendonça et al (2017), fora feita de forma díspares, principalmente quando relacionada à população camponesa. A educação visava na época atender aos interesses da classe dominante, de formar sujeitos para o mercado de trabalho e não privilegiar os sujeitos do campo, ou seja, tinham como objetivo reproduzir e tornar a ideologia dominante permanente. As bases da política educacional maranhense, tinham como características o coronelismo, ou seja, a educação estava intrínseca aos detentores do poder.

A educação pública maranhense, era de acordo com Mendonça et al (2017) em estreitos limites, muitas vezes reduzido e até mesmo negado, aumentando assim o nível de analfabetismo no Estado. Com as trocas de governantes, o sistema educacional maranhense, foi tomando várias direções, no entanto, essas mudanças administrativas do Estado, não trouxeram avanços na qualidade do fornecimento da educação. A educação no Maranhão era nada mais, que o reflexo da educação nacional, apesar de ter tido suas peculiaridades em todo esse processo de construção.

Como a educação passou a ser prioridade para o desenvolvimento do capitalismo, adiou a construção das promessas de um sistema democrático de educação pública. Em decorrência disso, o Ensino Médio também foi afetado por essas mudanças na virada de século, como apontado acima, transformando significativamente a ordem social, econômica e cultural, com reflexos à escola pública. (KRAWCZYK, 2014).

Nesse sentido, as reflexões das pesquisas na área das ciências sociais, através das suas variadas perspectivas teóricas, têm destacado a importância da disciplina Sociologia, enfatizando seu papel no Ensino Médio. E é devido, ainda mais pela sua resistência em permanecer no currículo da educação nacional, que merece todo o mérito, pois a mesma favorece aos indivíduos, no caso os(as) adolescentes à desnaturalizar, causar estranhamento e fortalecer os estudos sobre os fenômenos sociais, proporcionando posicionamento político e social. É através dos assuntos abordados pela Sociologia, que os(as) discentes podem estimular seu senso crítico, possibilitando assim conhecer e questionar a realidade atual, permitindo saírem da “zona de conforto” e acomodação. (LOURENÇO, 2008).

A Sociologia através de suas teorias, é capaz de ajudar na compreensão de diversos fenômenos sociais, além de permitir que o indivíduo se enxergue como

parte integrante da sociedade. Suas reflexões conseguem gerar questionamentos, além de ampliar as visões dos indivíduos, que deixariam de ser passivos e alienados, presos ao senso comum, para tornarem-se seres pensantes e problematizadores do seu próprio contexto sociocultural.

Outro autor que reforça esse pensamento é SARANDY (2001), cuja valorização a respeito da importância da Sociologia no Ensino Médio, encontra-se nas peculiaridades inatas dessa disciplina, repassada àqueles que com ela se relacionam. Assim, o ensino da Sociologia possibilita romper com as antigas representações sociais as quais estamos adaptados e compreendê-las sob outra ótica.

(...) podemos afirmar que o contato dos jovens educandos com essas teorias, ainda que formatadas pela didática necessária ao nível médio de ensino, irá produzir neles uma percepção, uma compreensão e um modo de raciocínio que nenhuma outra disciplina poderá produzir. É exatamente essa compreensão ou essa percepção específica que indica a identidade da sociologia e que fornece seu sentido enquanto disciplina do ensino médio, não os conteúdos em si mesmos. (SARANDY, 2001, p.5).

O conhecimento sociológico nos permite ampliar nossas visões, passando a colocar em questão nossas próprias afirmações. A Sociologia segundo SARANDY (2001) vai além dos conteúdos, dos assuntos apresentados aos(as) alunos(as) em sala de aula. Esta irá permitir com que os(as) jovens possam analisar melhor a realidade, compreender as questões sociais, faz com que horizontes sejam ampliados, ocasionando então uma quebra com tudo aquilo que faz parte do senso comum.

Porém é importante ressaltar que a Sociologia trabalhada no ensino médio, possui conteúdos e assuntos específicos, ou seja, a mesma não tem o objetivo de transformar os(as) alunos(as) em sociólogos, mas apenas o papel de aguçar o pensamento de cada um.

Nesse sentido, o objetivo do ensino de sociologia como, aliás, deveria ser o de qualquer ciência, é proporcionar a aprendizagem do modo próprio de pensar de uma área do saber aliada à compreensão de sua historicidade e do caráter provisório do conhecimento – expressões da dinâmica e complexidade da vida. (SARANDY, 2001, p. 6).

Assim como as ciências naturais contribuem na organização e percepção do mundo natural, a Sociologia, por sua vez, estabelece a ordem causada pelos caos

dos fenômenos sociais, principalmente devido aos inúmeros contextos aos quais os(as) estudantes estão inseridos. (CÂNDIDO, 2008).

A etapa vivenciada pelos(as) adolescentes, que estão inseridos no Ensino Médio, é a fase da vida em que estão em um processo constante de transformações, escolhas e formação, à um passo de entrarem na chamada vida adulta, assim, por essa razão que a Sociologia possibilitaria uma busca por respostas ou ainda mesmo na formulação de novas perguntas, acalmando os anseios frenéticos embutidos no comportamento desses indivíduos em constante transformação. (SOUSA, 2016).

Os(as) jovens acompanham de forma direta ou não, as mudanças que ocorrem na sociedade, na verdade, participam e atuam nessas mudanças, e existe a necessidade de se adaptar, sendo: “Assim, o exercício da sociologia no ensino médio pode desempenhar um papel fundamental na formação de atitudes, criando certa autonomia frente aos mecanismos de dominação. Tais fatos só confirmam a importância que a sociologia possui no processo de formação dos estudantes do nível médio.” (FLORÊNCIO, 2011).

Porém a realidade do Ensino da Sociologia, em algumas escolas, não é das mais eficazes, principalmente no que tange a realidade das escolas públicas. Apesar de no decorrer de todo trabalho ser reforçado a importância da disciplina, infelizmente a mesma vem sofrendo ainda, com certos desafios de ensino, principalmente ainda na luta para reconhecimento diante das outras disciplinas.

Portanto é viável entender e conhecer quais são esses obstáculos, pois uma reflexão sobre tal problemática é válida, a partir de uma abordagem sobre quais os principais desafios enfrentados após a sua legitimação, ou seja, quais dificuldades advindas com a instauração do ensino da Sociologia como veremos no tópico seguinte.

Por essa razão, tanto o ensino de Sociologia, e sua constante saga pelo seu reconhecimento e permanência no currículo da educação básica, como a constituição da escola pública, passaram por desafios observados no tempo presente.

3.2 O Ensinar Sociologia e seus desafios

Enganaram-se os que julgaram que os obstáculos acabariam no momento em que a Sociologia conseguisse a sua permanência no currículo nacional. Pelo

contrário, os desafios e os problemas referentes ao seu ensino, seriam e ainda são questões bastante recorrentes. A preocupação voltada para os assuntos que seriam trabalhados em sala de aula, quais os profissionais responsáveis por ministrar as aulas eram, no entanto, motivos de diversos debates.

Com a promulgação da lei que tornou a Sociologia obrigatória, os desafios propostos aos profissionais que lecionavam essa disciplina estavam só começando. A constante caminhada e as lutas travadas por espaços, “tiveram seus tropeços, seus desafios, mas os que estavam por vir, após a institucionalização da Sociologia, seriam bem mais problemáticos”. (OLIVEIRA, 2011, pag.34).

Os impactos e os desafios estavam inerentes ao ensino da Sociologia no Ensino Médio, direcionando os debates para a compreensão em como atender as exigências da Lei e dos documentos nacionais, descritos nos PCNEM's (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio). Como aponta Oliveira (2011), não havia como imaginar com precisão, o impacto da disciplina e as diversas dificuldades que enfrentaria. Mas isso tudo foi aos poucos aparecendo e gerando mais e mais novas discussões.

Conseqüentemente esses debates geraram diversas pesquisas sobre o ensino de Sociologia, focando nos pontos principais, sejam estes favoráveis e/ou desfavoráveis. A discussão aqui pretende apontar alguns desafios comuns encontrados por autores(as) em suas pesquisas em algumas escolas públicas brasileiras, como algo presente na disciplina de Sociologia. E vale ressaltar que não se pretende no momento realizar uma abordagem muito ampla a respeito desses desafios, apenas citá-los e em uma forma breve discorrer sobre cada um deles, com o objetivo de exemplificar tais acontecimentos, e não generalizá-lo.

Um dos primeiros desafios encontrados foi a seleção de quais conteúdos seriam trabalhados em sala de aula. Uma vez que o foco para o Ensino Médio, não era tornar os(as) adolescentes em sociólogos, mas apenas estimulá-los quanto à realidade social. E desta forma, desenvolver o pensamento sociológico nos(as) estudantes de Ensino Médio, exigiria que os docentes estimulassem, através dos conteúdos, esse “pensar sociologicamente”.

No entanto, segundo MORAES (2010), a orientação é não direcionar o ensino para um único viés, ou seja, não há como refletir sobre Sociologia, por uma determinação fixa de conteúdos. Pois, estes devem ser combinados à metodologias e práticas de ensino, a fim de tornarem-se favoráveis aos estudantes, tendo uma

correlação com suas realidades. Por essa razão, deve haver uma ligação entre a metodologia e conteúdo, pois ambos não podem ser compreendidos de forma isolada, uma vez que, não basta ter em mãos uma variedade de conteúdos para ensinar Sociologia, mas relacionar estes aos procedimentos didáticos necessários para que os assuntos sejam apreendidos pelos estudantes e cheguem ao objetivo ao qual a disciplina se propõe.

Tal questão segundo Oliveira (2011), gerou uma dificuldade para aqueles profissionais responsáveis por lecionar a disciplina, principalmente por que uma parcela significativa não possuía a formação na área de Ciências Sociais o que, porém não retira a dificuldade dos formados na área.

Os temas sociológicos são bastante complexos e densos, e quando levados ao Ensino Médio, o docente deve ter noção de como passar o conteúdo de forma simples e compreensível, fazendo sempre uma relação entre conteúdo e com o contexto atual, assim possibilitando aos estudantes perceber a utilidade da Sociologia no seu dia a dia.

A ausência de profissionais suficientes, formados na área de Ciências Sociais, tem sido mais um dos desafios enfrentados para o ensino de Sociologia. Infelizmente ainda existe uma grande quantidade de escolas que possuem no seu quadro de professores(as), aqueles(as) com habilitação em outra área, lecionando a disciplina de Sociologia. Sejam estes historiadores, pedagogos, etc.

Porém segundo Vargas (2011), essa oferta limitada de professores, deveu-se principalmente, por falta de cursos superiores em Ciências Sociais, o que atualmente não é o caso, mas ressalta que isso pode estar ligado à administração da educação, principalmente no sistema público. Outra justificativa encontrada para a escassez destes profissionais, seria para conter gastos com a contratação de professores(as) formados(as) na área, dando as vagas aos docentes já pertencentes ao quadro.

Seguindo essa afirmação, é possível identificar também a desvalorização das Ciências Sociais como área legítima de conhecimento, refletindo na disciplina de Sociologia, em relação às demais.

Todos esses problemas agravam-se na medida em que se leva em consideração a natureza específica dos conhecimentos sociológicos. Isto ocorre não só porque seu cabedal de saberes é muito vasto, incerto e sempre contestável no que diz respeito à própria consolidação de um "conjunto de conhecimentos válidos e reconhecidos", como também porque esses

“conhecimentos” estão muito próximos do senso comum, produzindo a sensação de que todos, indistintamente, são capazes de lidar com eles, manipulá-los, defini-los, discuti-los, sem que para isso sejam especialistas, cientistas sociais. Neste sentido, as disciplinas das ciências sociais e humanas, de uma maneira geral, têm mais dificuldade de se impor como campos de conhecimento legítimos perante a sociedade e a própria comunidade científica. (VARGAS, 2011, p.7-8).

Ou seja, é perceptível a falta de reconhecimento da Sociologia, como disciplina do Ensino Médio, partindo assim do princípio equivocado de que, qualquer profissional teria a capacidade e métodos de ensino para lecionar a mesma, algo que não vemos em relação à matemática, português e demais disciplinas.

Por trazer uma abordagem sobre a sociedade e seus afins, existe também uma pré-noção de que “ensinar sociologia é fácil”, e que qualquer pessoa estaria apta a lecionar. Equívoco este que trará consequências no processo de ensino aprendizagem, gerando também mais um obstáculo na aceitação da disciplina por parte dos(as) alunos(as).

Apesar de a disciplina ter se tornado obrigatória, ainda possui uma função “complementar” frente às outras disciplinas que são consideradas “essenciais”. Assim, apresenta-se o terceiro desafio, que seria a questão da carga horária destinada à Sociologia, diretamente relacionada a chamada fragmentação disciplinar, ou seja, existe uma hierarquia entre todas as disciplinas. Classificando-as de acordo com a importância do conhecimento, de cada uma, para a formação dos educandos. Vargas (2011) explicita melhor essa afirmação, ressaltando que existe um tempo a ser dividido em inúmeras áreas de conhecimento, o que afeta diretamente em uma construção de projetos pedagógicos, e coletivos onde poderia ter uma interdisciplinaridade, melhorando assim o tempo trabalhado por cada disciplina.

Além do mais, a fragmentação disciplinar, ao acarretar o isolamento e a consequente ausência ou dificuldade de diálogo interdisciplinar, exacerbando o individualismo, acarreta também a dificuldade de integrar conhecimentos de diferentes áreas, de compreender a complexidade da realidade e de desenvolver estratégias coletivas e dialogadas de mobilização dos educandos. (VARGAS, 2011).

A carga horária escassa pode ser destacado como mais um dos desafios enfrentados pela disciplina, o que acaba dificultando o desenvolvimento do ensino, ficando limitado e superficial, sendo apresentado apenas “*os conteúdos que cairão no vestibular*”.

No Estado do Maranhão, através da SEDUC – Secretaria de Estado da Educação, em consonância com a lei que restabeleceu a Sociologia como disciplina integrante do Ensino Médio, são destinadas duas horas/aula semanais para o ensino, cada uma com duração de cinquenta minutos, por vezes divididas em dias alternados.

O tempo fornecido às aulas de Sociologia é pouco, o qual acaba impossibilitando que o(a) professor(a) possa planejar aulas mais dinâmicas, dificulta que atividades extra classe (pesquisas, trabalhos de campo, etc.) possam ser realizadas. Os(as) professores(as) possuem um cronograma que deve ser cumprido a cada final de ano letivo, com os conteúdos previamente selecionados, mas ainda dando prioridade para aqueles que estão dentro dos conteúdos importantes para o vestibular.

Na estrutura da grade curricular do sistema escolar essas hierarquias estão claramente cristalizadas na distribuição das cargas horárias das disciplinas. As humanidades, as artes, a filosofia e as ciências sociais estão claramente em desvantagem na partilha do tempo escolar. A sociologia aparece com um dos elos mais frágeis dessa corrente, ocupando os lugares inferiores dessa hierarquia de conhecimento. (VARGAS, 2011).

Esse fator é uma das causas que fazem com que a disciplina e seus conteúdos sejam dados de forma corrida e superficial. Lembrando que a Sociologia é uma disciplina que requer reflexões, requer debates e conseqüentemente de tempo suficiente para que os reais objetivos sejam alcançados.

Oliveira (2015), em sua dissertação sobre pra que serve a Sociologia em escola de rede pública, ainda tratando sobre a carga horária, relata que:

Além da dificuldade para selecionar os conteúdos, outra grande preocupação dos professores relaciona-se com espaço-tempo fornecido às aulas de Sociologia. A disciplina tem um período semanal de 50 minutos, exceto em casos excepcionais em que a escola oferece dois períodos semanais. Os professores têm a sua disposição apenas giz e quadro negro e um agravante, os alunos precisam fazer cópia, comprar o material de leitura. Isso faz com que os professores não possam exigir que todos os alunos consigam ler o material ou que o tenham adquirido. (OLIVEIRA, 2015 p.35).

Nesse momento um outro e importante recurso que deve ser usado pelos(as) professores(as) são os livros didáticos. Os mesmos trazem consigo todas as temáticas e assuntos que devem ser trabalhados em sala de aula, o livro didático acaba sendo um suporte para o ensino, não o único, porém é de grande importância.

Deve-se também lembrar que, para o aluno, estes são alguns dos únicos livros adquiridos durante toda a vida. Ele é, portanto, um dos únicos bens culturais que está ao alcance de parte significativa dos jovens. Condições de trabalho e de qualificação docente no Brasil fazem com que coleções didáticas tenham também outro imprevisto: frequentemente os professores utilizam a sequência de conteúdo do livro como espécie de plano de aula, quando não utilizam como obra de referência em sua formação. Nesse sentido, os livros não se constituem apenas como ferramenta de ensino e aprendizado, mas também como bem cultural, matriz curricular e instrumento de formação docente. (MEUCCI, pag 75)

Dentro dessa perspectiva, não há como não ponderar a relevância e a importância dada ao livro didático, principalmente para a realidade dos(as) estudantes de escola pública, que nem sempre possuem condições monetárias para a aquisição de tais materiais. O que deve-se levar em consideração é a forma como os conteúdos são abordados no Ensino Médio, não deixando de intercalá-los com o contexto vivenciando e dinamizando as aulas com outros recursos possíveis.

No entanto, Meucci (2013), identificou em alguns livros recentemente publicados dois tipos de sentidos dados à sociologia escolar, como a prescrição de conduta politicamente correta, e uma denúncia das injustiças da sociedade atual. Segundo a autora, referindo-se a essas observações, por mais que os temas sejam encontrados nos livros, são abordados de forma “rasa”, por exemplo, quando se trabalha a questão do racismo, da corrupção, encontra-se uma reflexão acerca de como agir diante de tais situações, deixando de lado, ocultando uma compreensão sociológica sobre como esses fenômenos são produzidos e reproduzidos, e de que forma estão se relacionando com as outras instâncias da vida social.

Os livros didáticos apenas expõem cada conteúdo, mas de uma maneira que não desperta uma reflexão sociológica, talvez seja este mais um motivo pelo qual, uma grande maioria acredita que a Sociologia pode ser lecionada por qualquer profissional, pois aparentemente só trata de questões do cotidiano, desconsiderando sua abordagem científica sobre a sociedade.

No entanto, a Sociologia escolar deva, conforme orienta Meucci (2013), simplesmente replicar o debate acadêmico. Isso seria ignorar irresponsavelmente as especificidades de um e outro ambiente.

Desta forma, a seleção dos conteúdos impostos os livros didáticos, a serem trabalhos na disciplina de Sociologia, é mais um dentre os desafios encontrados em seu ensino. Sendo assim, não é viável e válido apenas uma simples enfoque sobre esta temática, porém como o foco do trabalho monográfico, não é este, foi feita apenas

uma simples abordagem, sem muito aprofundamento, apenas como forma de exemplificação. Da mesma forma em referência, aos demais desafios pontuados acima (formação de professores, conteúdo, carga horária).

Todos esses pontos ressaltados acima fazem parte de todas as demais disciplinas, porém cada qual com seu diferencial e especificidades. No entanto a disciplina de Sociologia ao invés de ter esses pontos como algo favorável, acaba virando desafios mesmo após sua obrigatoriedade.

A falha nesses aspectos acaba dificultando no momento de transmitir de forma adequada para os(as) alunos(as), os conhecimentos sociológicos. Os(as) estudantes por sua vez são o resultado de todo esse processo e através dos mesmos também é possível fazer uma reflexão sobre a real situação do ensino da Sociologia. Infelizmente esses pontos se agravam mais na maioria das escolas de rede pública, onde os recursos são bem mais precários, afetando diretamente o ensino, não só da Sociologia, mas também das demais disciplinas.

A Sociologia dentro desse contexto de ensino público, onde todos esses desafios são mais impactantes e presentes, na maioria dos casos, quem acaba sendo prejudicado é além da disciplina, os(as) próprios(as) estudantes, que além de não compreenderem os assuntos, acabam que adquirindo um pré-conceito em relação à mesma.

Por essa razão, percebe-se em alguns(as) estudantes, uma reação de descontentamento em relação à Sociologia. Todavia, por mais que saibamos das dificuldades metodológicas, da escassez de recursos, e falta de carga horária, é válido ouvir dos próprios alunos (as), o que de fato, os aproxima ou os distancia da disciplina de Sociologia, quais suas percepções e análises, levando em consideração o contexto ao qual esta disciplina é ministrada e por qual profissional. Assim, no capítulo que segue, apresentaremos as análises da pesquisa de campo desta monografia, relatando e contextualizando os dados coletados.

4 AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA

As reflexões e pesquisas sobre o ensino de Sociologia, sejam elas, artigos, textos, dissertações dentre outras, geralmente a sua grande maioria parte do olhar e das experiências dos(as) docentes, dos relatos sobre quais as consequências e dificuldades sobre o Ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Porém acabam por “esquecer” que nesse processo de ensino aprendizagem, possuem além dos(as) professores(as), outros atores que compõem a comunidade escolar, como os(as) estudantes, parcela integrante e essencial para que esse processo, que é a educação, aconteça da melhor forma possível. Sendo assim os(as) discentes são os frutos desse ensino, o destino e as consequências, sejam elas positivas ou negativas referentes a qualquer tipo de aprendizado.

E se existem alguns trabalhos como os de Santos (2002), Mota (2003), Eras (2006) e Rosa (2009), que priorizam a visão dos professores quanto ao ensino de Sociologia, trabalhos como o de Rêses (2004), que tem como foco os alunos e suas falas, são bem reduzidos. Talvez pela dificuldade ou mesmo pela falta de costume, ouvi-los ainda seja um lado da moeda muito pouco explorado quando se pensa na escola. Ou seja as pesquisas não levam em conta a aprendizagem e/ou recepção, preferem discutir sobre o ensino. (CAMPOS, 2011)

Segundo Campos (2011), sobre esse ponto é possível abordar que tal “esquecimento” torna-se ainda mais grave quando se pensa no Ensino Médio, em que os(as) jovens, já praticamente adultos, continuam sendo encarados como sujeitos com poucos direitos, no interior da escola. Enfim, não são vistos como interlocutores no processo educacional, capazes de emitir considerações, críticas e opiniões sobre a realidade escolar que lhes dizem respeito.”

Partindo desse ponto, o foco desse trabalho é justamente direcionar a atenção, dar voz a esses sujeitos (estudantes) que sim, fazem parte desse processo e devem ser ouvidos. Contudo o capítulo discorrerá sobre os resultados obtidos acerca do Ensino de Sociologia, através das percepções dos(as) estudantes da pesquisa de campo realizada na escola à qual já foi descrita na Introdução.

Alguns questionamentos são como base para esse capítulo, como por exemplo: quais as opiniões dos(as) estudantes do Ensino Médio sobre a Sociologia? Será que conseguem identificar os temas por ela abordados fora da sala de aula?

Estas e outras indagações foram apresentadas aos(as) pesquisados(as), durante a aplicação dos questionários. O público alvo foram os(as) estudantes das três séries do Ensino Médio, com faixa etária entre 16 à 20 anos. Selecionamos de forma aleatória entre os turnos matutino e vespertino, uma vez que não teriam condições de trabalhar com todos os(as) estudantes de ambas as salas, devido ao tempo e à amostra que seria bem expressiva, demandando maior período para análises dos resultados.

No campo de pesquisa, no caso a escola escolhida, constatou-se a presença de dois professores responsáveis por lecionar a disciplina de Sociologia. Um deles tem a formação na área de Ciências Sociais e ministra apenas essa disciplina. O segundo docente é formado em outra área, onde inicialmente ministrava aulas de Língua Portuguesa e, logo após assumiu algumas turmas de Sociologia. Ambos dividem as turmas do turno matutino, enquanto no turno vespertino, apenas o professor com formação em Ciências Sociais é responsável por todas as turmas.

Pretende-se deixar claro que o foco desse trabalho, está direcionado às opiniões dos(as) alunos(as) somente, ou seja, perceber a construção e o significado da disciplina de Sociologia, a partir das percepções, avaliações dos sujeitos – estudantes (as).

4.1. Dando voz aos(às) estudantes sobre a disciplina de Sociologia

Privilegiando as opiniões dos nossos sujeitos, fora aplicado um questionário composto por 11 perguntas, com perguntas abertas e fechadas, as quais foram respondidas por discentes. A primeira pergunta do questionário era: *Enumere as disciplinas abaixo, de acordo com a importância que você atribui a cada uma delas*, tinha como objetivo analisar, como os(as) alunos(as) classificam todas as disciplinas, deixando claro que de nenhuma forma queríamos aqui, definir uma disciplina como mais importante ou menos importante, mas apenas perceber qual o grau de importância dariam a cada disciplina.

Os números eram de 1 a 10, estabelecendo uma valoração entre o que considerariam mais importante ao menos importante. Assim, nos questionários havia

um espaço para que pudessem anotar a colocação de cada um(as) deles(as), de acordo com suas opiniões.

Os resultados nas três turmas foram por vezes parecidos, a Sociologia na maioria das respostas estava nas últimas colocações como é possível observar nas tabelas abaixo. Nas tabelas foram utilizadas siglas³ para cada disciplina, para melhor visualização.

Tabela 1 – Respostas dos(as) estudantes do 1º ano

	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8
1º	PRT	LING	MTM	MTM	MTM	PRT	QUI	SOCIO
2º	GEO	GEO	PRT	PRT	BIO	MTM	LING	LING
3º	BIO	BIO	LING	LING	SOCIO	FIS	HST	FIL
4º	LING	PRT	FIS	FIS	FIL	QUI	PRT	FIS
5º	HST	MTM	BIO	QUI	PRT	GEO	BIO	HST
6º	FIL	QUI	QUI	GEO	QUI	BIO	SOCIO	GEO
7º	FIS	HST	HST	HST	HST	LING	MTM	QUI
8º	SOCIO	SOCIO	GEO	LING	LING	HST	FIL	BIO
9º	QUIM	FIL	SOCIO	FIL	FIL	FIL	GEO	MTM
10º	MTM	FIS	FIL	SOCIO	GEO	SOCIO	FIS	PRT

Fonte: da autora

Tabela 2 – Respostas dos(as) estudantes do 2º ano

	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11
1º	PRT	LING	GEO	PRT	LING	GEO	PRT	FIS	MTM	BIO	BIO
2º	MTM	HST	LING	GEO	PRT	LING	BIO	LING	PRT	MTM	MTM
3º	GEO	PRT	BIO	BIO	BIO	MTM	LING	PRT	QUI	PRT	PRT
4º	QUI	BIO	FIS	HST	GEO	BIO	GEO	BIO	FIS	GEO	LING
5º	BIO	GEO	PRT	MTM	HST	PRT	QUI	GEO	BIO	SOCIO	QUI
6º	FIS	FIL	MTM	FIS	QUI	QUI	MTM	QUI	LING	FIS	GEO
7º	HST	QUI	SOCIO	LING	FIL	HST	FIS	HST	SOCIO	LING	HST
8º	FIL	MTM	HST	QUI	FIS	SOCIO	SOCIO	SOCIO	FIL	HST	SOCIO
9º	SOCIO	SOCIO	FIL	FIL	SOCIO	FIL	HST	FIL	GEO	QUI	FIL
10º	LING	FIS	QUI	SOCIO	MTM	FIS	FIL	MTM	HST	FIL	FIS

Fonte: da autora

³ PRT- Português; MTM- Matemática; BIO- Biologia; QUI- Química; GEO- Geografia; HST- História; SOCIO- Sociologia; FIS- Física; LING-(inglês/ espanhol); FIL- Filosofia.

Tabela 3 – Respostas dos(as) estudantes do 3º ano

	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11
1º	PRT	PRT	GEO	HST	FIS	FIS	PRT	LING	PRT	LING	MTM
2º	QUI	GEO	FIS	FIS	BIO	MTM	GEO	HST	FIL	HST	PRT
3º	LING	BIO	PRT	GEO	MTM	QUI	LING	GEO	LING	QUI	FIS
4º	GEO	SOCIO	MTM	BIO	LING	PRT	BIO	SOCIO	BIO	PRT	BIO
5º	MTM	MTM	BIO	QUI	QUI	BIO	FIL	FIS	FIS	BIO	QUI
6º	BIO	FIL	HST	MTM	GEO	HST	HST	BIO	SOCIO	GEO	HST
7º	FIL	QUI	QUI	PRT	PRT	GEO	SOCIO	QUI	HST	FIL	GEO
8º	HST	LING	LING	LING	HST	LING	MTM	PRT	GEO	FIS	SOCIO
9º	SOCIO	FIS	FIL	SOCIO	FIL	FIL	FIS	FIL	MTM	SOCIO	FIL
10º	FIS	HST	SOCIO	FIL	SOCIO	SOCIO	QUI	MTM	QUI	MTM	LING

Fonte: da autora

É possível perceber nas respostas obtidas, que a disciplina de Sociologia na maioria das vezes esteve oscilando entre as 3 últimas colocações (8º, 9º e 10º), nas respostas dos(as) alunos(as) das três turmas. Apenas um aluno, da turma de 1º ano colocou a Sociologia em primeiro lugar como a mais importante.

O objetivo dessa pergunta era de refutar ou mesmo corroborar com a questão de hierarquização entre as disciplinas, por vezes consideradas mais relevantes não apenas por afinidade, mas devido a construção à respeito da noção de que algumas são mais “essenciais” na formação do indivíduo. Porém, são diversos fatores que podem levar os estudantes a apontarem determinada colocação para cada disciplina sejam elas: afinidade, facilidade no aprendizado dentre outras. Mas em relação à Sociologia foi possível perceber, a partir dessa amostra, que a disciplina não ocupa as primeiras posições em relação às demais disciplinas, justificativa que se pretende encontrar nas demais questões.

Dando continuidade, a pergunta seguinte, estava ligada, a opinião dos(as) estudantes sobre a disciplina de Sociologia, a mesma tinha como objetivo tentar perceber como eles(as) enxergavam a disciplina.

As opiniões foram das mais diversificadas, obtivemos respostas as quais consideram a disciplina importante, pois aborda sobre a sociedade, apontaram sobre a importância de entender a cultura e que a mesma deve fazer parte da sua vida escolar, como é possível perceber nas respostas de João e Giovana alunos do 2º ano:

- “É importante, pois nos ensina as culturas, os deveres, e os modos que devemos ter em meio a sociedade.” (João,2018,2º ano)
- “Uma disciplina interessante que nos leva a aprender não só sobre a sociedade e sim várias coisas.” (Giovana,2018, 2º ano)

Os(as) jovens no Ensino Médio, são considerados de acordo com sua faixa etária, como adolescentes e estão em um momento de formação, transição para uma vida adulta.

A adolescência é compreendida como o período de transição entre a “dependência” da infância para a “autossuficiência da vida adulta”. Entendemos que essa concepção, presente na teoria da Psicologia da Aprendizagem, não deve ser encarada como algo universal. A abrangência que o conceito de adolescência apresenta refere-se às mudanças propícias dessa fase, tanto em relação ao comportamento quanto ao status social que o indivíduo adquire. (SOUSA, 2016).

Sendo assim, SOUSA (2016) reforça ainda que “os estudantes do Ensino Médio, como indivíduos atuantes dentro do processo de mutações ao qual a sociedade está condicionada, tendem a adaptar suas expectativas à realidade e ao contexto que vivencia. A cada década, podemos notar características e anseios diferentes em relação aos adolescentes”. E dentro dessas novas características e mudanças e transformações que a Sociologia deve estar presente como uma ferramenta importante para que possam entender aquele contexto em que vivem.

A Sociologia é necessária nesse exato momento, onde a vida social de acordo, com a autora, se apresentará de forma complexa, para aqueles jovens em formação. Para MEUCCI (2015) “As condições de socialização da sociedade atual exigem, pois, uma consciência científica da vida que eu creio que a sociologia oferece”. Assim como é possível perceber nas respostas seguintes:

- “A sociologia na minha opinião é muito importante, para nossa vida em sociedade onde adquirimos conhecimentos culturais.” (Jorge, 2018, 3º ano)
- “É uma disciplina na qual abre a mente para a diversidade que entramos em contato no dia a dia.” (Magno, 2018, 3º ano)

Porém dentro das respostas positivas obtivemos respostas negativas em relação à disciplina de Sociologia, mas não por não atribuírem importância a mesma, mas por não possuírem afinidade, pois, a consideram chata e entediante, como é possível perceber a seguir:

- “É uma disciplina que não tenho muito interesse e acho meio entediante.” (Marcelo, 2018, 1º ano)
- “Muito boa, porém acho desnecessário essa disciplina.” (Artur, 2018, 2º ano)
- “É uma disciplina importante, porém na minha opinião, não tenho muito interesse” (Carla, 2018, 2º ano)
- “É uma matéria até interessante, mas infelizmente não me agrada tanto.” (Francisca, 2018, 2º ano)
- “Poderia ser uma disciplina muito melhor mas deixa muito a desejar, acho uma disciplina muito ruim” (Carlos, 2018, 3º ano)

Um ponto interessante que deve ser levantado e cuja atenção deve ser redobrada é para o fato de que alguns estudantes associaram a opinião sobre a disciplina, com o método de ensino do professor, nas respostas dadas por Fernanda, Pérola, Eduarda e Larissa, alunas do 2º ano. Esta primeira estudante relatou que: “No meu ponto de vista vai muito pelo ensinamento dado do professor, é uma disciplina boa.” (Fernanda, 2º ano). Já Pérola que a Sociologia é: “Boa, porém não entendo nada por conta da aula do professor.” (Perola, 2º ano). Eduarda e Larissa, foram mais enfáticas ao responderem que é: “Uma matéria, muito difícil de lidar, não por conta da disciplina, mas pelo professor.” (Eduarda, 2º ano) e que “A disciplina de Sociologia é boa, só que depende do professor também né, cada um tem o seu modo de dar aula.” (Larissa, 2º ano).

A utilidade da disciplina no mercado de trabalho, também fora uma das justificativas utilizadas, muitos não conseguem enxergar a disciplina como algo necessário, ou seja, algo que será cobrado para o ingresso no universo do trabalho. De fato, essas são algumas das comuns questões entre os(as) jovens, que estão nesse momento de transição, sairão da vida escolar e vão teoricamente se preparar para o mercado de trabalho. Questionamentos que atrevemos a dizer que não se referem apenas à disciplina de Sociologia, mas as demais também, onde sempre existem dúvidas e aquelas perguntas clichês: *mas pra quê estudar determinada disciplina se não vamos mais utilizar no futuro?*

Porém ainda nos atrevemos mais uma vez a afirmar que em relação a Sociologia, esses questionamentos devem ser mais fortes, isso devido a forma como é abordada no Ensino Médio. Nas respostas de Pablo e Rafael, ambos, de 1º ano e 3º ano, é perceptível essa preocupação com aquelas disciplinas que são “úteis” para

o futuro profissional: “Não sei qual a função da matéria de Sociologia na minha vida profissional.” (Pablo, 1º ano). Rafael, por sua vez, afirma que: “É uma disciplina que não tem valor na minha opinião. Por motivo de não valer nada no mercado de trabalho.” (Rafael, 3º ano).

Um dos relatos trouxe um adjetivo negativo à Sociologia, perceptível na afirmação de um aluno de 3º ano: “Não deveria fazer parte da grade de ensino.” A repulsa pela disciplina é grande, ainda mais partindo de um aluno do 3º ano, acredita-se que o mesmo já tivera contato com a mesma durante os 3 anos do Ensino Médio, e mesmo assim não vê necessidade da disciplina no currículo escolar.

4.2. Aulas de Sociologia: uma avaliação dos(as) estudantes

Após as opiniões sobre a disciplina de Sociologia, direcionei então, para o que pensam a respeito das aulas de Sociologia e suas vertentes. Primeiramente em uma pergunta direta, questionou-se sobre se gostam das aulas de Sociologia na sua escola. Dos 30 pesquisados, 11 (onze) apenas responderam que sim, que gostavam das aulas, enquanto os 19 (dezenove) restantes, responderam que não gostam das aulas de Sociologia. Diante dessas respostas, perguntas abertas foram feitas, para melhor justificar e compreender tais escolhas, relacionadas agora aos recursos metodológicos utilizados, nos assuntos trabalhados em sala de aula, dentre outros aspectos.

A pergunta: *Como você gostaria que a disciplina de Sociologia fosse trabalhada em sala de aula?* Tinha como objetivo compreender se as aulas eram satisfatórias ou não, para os(as) estudantes. Analisando as respostas, é possível perceber que a maioria, encaram a disciplina como algo monótono, algo que não traz motivação, como é possível perceber nas respostas dos alunos do 3º ano: “Em forma mais motivadora para os alunos se encontrarem em sala de aula.” (Rafael, 3º ano), segundo Jorge: “Gostaria que praticássemos mais e que não fosse tão teórica, pois se torna monótona demais.” (Jorge, 3º ano) e Magno que reforça ao afirmar que gostaria que a disciplina fosse trabalhada: “De forma mais detalhada, discutida de forma que seja debatida as opiniões dos alunos em relação a disciplina e os professores esclarecendo-as.” (Magno, 3º ano).

Não só a Sociologia, mas também outras disciplinas possuem atualmente, como um dos seus desafios, a problemática que é: como chamar atenção do seu alunato para o aprendizado, principalmente nos dias atuais, em que a tecnologia e informação, estão cada vez mais presentes, ou seja, como tornar atraente uma disciplina, dentro desse universo tecnológico, cheio de novidades, de “coisas mais interessantes” para os(as) jovens.

A Sociologia como disciplina no Ensino Médio tem seus complicadores quando exposta aos alunos de forma pura e direta. O professor de Sociologia ao entrar em sala de aula, se depara com alunos que vão resistir ao aprendizado da Sociologia, pois estarão sob um processo de estranhamento radical que se não for naturalizado pelo professor poderá se tornar impossível lecionar a disciplina. (GOMES, 2013).

Sejamos bem cientes que a Sociologia possui sua prática, porém é bastante teórica, queiramos ou não, da forma como é trabalhada em sala de aula, pode chamar ou não atenção dos discentes. É nesse momento que o papel do docente é importante, ou seja, deve-se utilizar além de didática, buscar outros mecanismos para que chame atenção dos(as) alunos(as), usar métodos que agucem as ideias dos mesmos.

As aulas não devem ser nunca unilateral, ou seja, apenas o professor passando conteúdos e os discentes absorvendo. Esse método antigo, não é mais viável, é necessário uma participação de todos, uma interação, uma troca de conhecimentos envolvendo todos. Nas demais respostas é possível identificar que existe uma ausência de métodos de ensino, de técnicas que venham possibilitar um melhor entendimento e até mesmo interações na sala de aula.

Na opinião de Mara, aluna do 1º ano, as aulas de Sociologia deveriam ter: “Leituras/pesquisas junto com o professor (a), em cada período um tema ótimo para se desenvolver.” (Mara, 1º ano); Géssica por sua vez, diz que, gostaria que fosse “Com um pouco mais de interação, com dinâmicas, debates!” (Géssica, 2º ano). Carla e Eduarda também alunas do 2º ano, reforçam que: “Gostaria de uma aula mais prática, apresentação em salas, um dia na sala com palestras.” (Eduarda, 2º ano), já Carla aponta que: “Fosse feito debates em sala, cada um dá sua opinião e ser explicado de forma melhor a disciplina.” (Carla, 2º ano).

Ainda sobre como gostariam que fossem as aulas de Sociologia, algumas respostas, direcionaram o foco para maior seriedade em sala de aula, como aponta a

Larissa: “Com mais sinceridade, sem brincadeiras paralelas, porque sem brincadeiras, com sinceridade, o aprendizado é mais garantido.” (Larissa, 2º ano). Na fala de Alice estudante de 3º ano, observa-se que esta propõe uma forma de dinamizar as aulas: “Que tivesse aula bem explicada para ser debatida dentro da sala, passar trabalhos para apresentar na frente etc.” (Alice, 3º ano)

Os recursos didáticos/ metodológicos, por sua vez, utilizados pelo professor são ferramentas importantes nesse processo de construção de um real entendimento do que é a Sociologia de fato. Diante disto uma das perguntas do questionários indagou sobre quais os recursos metodológicos eram utilizados pelo professor em sala de aula.

“Os recursos são livros e livros e mais livros!” (Mara, 2018, 1º ano)

“Às vezes o livro didático.” (Marcelo, 2018, 1º ano)

“Até o momento, nem mesmo o livro é utilizado, quanto mais outros recursos.” (João, 2018, 2º ano)

“Ele usa o livro, algumas anotações.” (Géssica, 2018, 2º ano)

“Data show, televisão e livro.” (Pérola, 2018, 2º ano)

“Livro didático e textos, sobre cada assunto.” (Carla, 2018, 2º ano)

“Livro e papel xerocado.” (Nathalia, 2018, 3º ano)

“Ele utiliza só o livro e só passa atividade, não dá uma aula boa.” (Carlos, 2018, 3º ano)

Dentro das falas obtidas é possível perceber que o recurso mais utilizado pelo docente são os livros didáticos nessa instituição escolar. Por mais que o livro didático seja essencial e necessário, a utilização de um único recurso, acaba tornando as aulas enfadonhas, ou mesmo monótonas. É necessário investir em novas técnicas, em novos métodos, acredito que por mais que os recursos sejam precários na escola, é possível sim, criar estratégias para chamar a atenção e estimular os(as) alunos(as).

Segundo Lourenço (2008), para o ensino da Sociologia é fundamental a adoção de múltiplos instrumentos metodológicos, os quais devem adequar-se aos objetivos pretendidos, seja exposição à leitura e esclarecimento do significado dos conceitos e da lógica dos textos, a análise, a discussão, a pesquisa de campo e bibliografia ou outros. Ou seja, a função do(a) professor(a) é de aguçar os

conhecimentos que os próprios alunos já dispõem e relacioná-los com os conteúdos da disciplina

As questões sociais abordadas pela disciplina Sociologia, que estimulam questionamentos sobre a sociedade em que vivemos, o papel do docente na escola é de contextualizar os assuntos trabalhados com a vivência dos jovens, fazer com quem entendam que a mesma está presente no cotidiano, e não apenas na sala de aula. Diante disto, perguntamos aos entrevistados, sobre se conseguem identificar a disciplina fora de sala de aula, ou apenas na escola.

“Sim, na forma em que as pessoas agem no dia a dia.” (Pablo, 2018, 1º ano)

“Não, só durante a aula.” (Paulo, 2018, 1º ano)

“Só durante a aula, pois fora não consigo percebe-la, as pessoas que eu conheço ou falo, não falam muito de coisas de disciplina ou sociologia.” (Artur, 2018, 2º ano)

“Alguns temas do livro de Sociologia eu concilio com o nosso social.” (Géssica, 2018, 2º ano)

“Eu vejo fora da escola da escola, quando falamos de política.” (Francisca, 2018, 2º ano)

“Basicamente não, porque pra encontrar a sociologia lá fora, eu tenho que encontrar ela dentro da escola.” (Nathalia, 2018, 3º ano)

“Sim, mas algumas vezes consigo vê-las no meio da sociedade começando pela cultura.” (Jorge, 2018, 3º ano)

“Sim. No meu dia a dia. Ao me relacionar na sociedade com amigos.” (Israel, 2018, 3º ano)

“Ela está presente em nossa vida cotidiana, forma de pensar, falar, agir.” (Magno, 2018, 3º ano)

De acordo com o relato dos(as) estudantes, observa-se que obtivemos uma variedade de respostas, alguns(as) conseguem identificar a disciplina no seu cotidiano pelo menos em algum aspecto. No entanto outros(as) não consegue perceber a Sociologia fora da sala de aula, talvez por ainda não terem compreendido a verdadeira essência a qual a disciplina se propõe, pois ao serem questionados a respeito da aplicabilidade e relevância da Sociologia alguns(as) acabavam fazendo crítica à forma como a disciplina era trabalhada na classe. Como é possível perceber na fala de Fernanda: “Pra se encontrar a Sociologia fora da aula, temos primeiro que saber o que é sociologia na aula.” (Fernanda, 2º ano), bem como na descrição de Pérola: “Só na escola, e mal, porque é mal ensinada.” (Pérola 2º ano).

Desta forma a administração dos conteúdos por parte dos docentes, não os incentiva ou os possibilita uma contextualização com a sua realidade social, desta forma, tem-se uma educação aos moldes conteudistas, conforme explica Mosé (2015), cujos os(as), são indivíduos passivos, vistos como receptáculos de informações aleatórias, sem um desenvolvimento de sua inteligência crítica.

Ainda dentro dessa abordagem foi perguntado sobre se conseguem compreender os assuntos trabalhados em sala de aula, se sentem alguma dificuldade, e quais seriam essas dificuldades. Conforme, podemos constatar nos relatos abaixo, é possível identificar mais uma vez que aqueles que responderam que não sentem dificuldades, estão se referindo ao fato de ver os assuntos de Sociologia como algo fácil, ou seja, compreendem com facilidade. No entanto aqueles que sentem dificuldades, estão sempre fazendo referência à maneira de como o professor trabalha em sala de aula, infelizmente, acabam por “culpar” os professores por essa dificuldade:

“Não consigo. Por conta da metodologia de Ensino.” (Marcelo, 2018, 1º ano)

“Não consigo, pois a aula do professor mais parece o pátio da escola na hora do intervalo.” (Pablo, 2018, 1º ano)

“Não, porque o professor não explica direito a aula. Sim, não consigo entender os assuntos.” (Lindalva, 2018, 2º ano)

“Sim. Compreendemos alguns assuntos, mas alguns ensinamentos do professor não consigo entender.” (Lourdes, 2018, 3º ano)

“Sim, não sinto dificuldades, pois são assuntos fáceis de ser abordados e compreendidos.” (Jorge, 2018, 3º ano)

“Mais ou menos, sinto sim, por causa que ele não faz aula, só faz atividade sem explicar.” (Luciano, 3º ano)

“Não. Sim. Não sinto dificuldade pela complexidade da matéria, mas sim pela maneira abordada pelo professor na sala de aula.” (Fernando, 2018, 3º ano)

Sendo assim, Moraes (2010) afirma que não se trata da quantidade de determinados conteúdos ou da utilização destes e não de outros. O que se espera na verdade, é de um casamento feliz entre conteúdos e metodologias, sendo que estes primeiros possam ser os mais diversos e, a segunda possa fazer a diferença. Assim, a questão da formação de professores passa não somente pelo domínio das práticas e questões de ensino. A escolha dos conteúdos – temas, teorias e conceitos – terá sempre um caráter arbitrário; depois, se sua organização não for pautada sob

“perspectivas variadas em termos de metodologias de ensino, poderão ser uma repetição de estruturas apenas variando os temas, o que em termos de aprendizado será a reiteração”. (MORAES, 2010, p.7).

Sendo assim seria mais do que importante, identificar através das respostas dos pesquisados, se tinham algum conteúdo estudado em sala de aula, que mais chamaram sua atenção. É possível perceber que por mais que tenham dificuldades, ou até mesmo não se interessem pela disciplina, alguns deles apontaram pelo menos um conteúdo que chamaram a atenção.

“Ótimo. Fatos sociais.” (Pedro, 2018, 1º ano)

“Até que bom. Processos de Socialização.” (Artur, 2018, 2º ano)

“São poucos detalhados, as vezes não entendemos. O tema que mais me chamou atenção foram os aparelhos ideológicos de Estado.” (Géssica, 2018 2º ano)

“Acho bons. Comunicação em massa.” (Francisca, 2018, 2º ano)

“Eu acho muito interessante o assunto de Sociologia. O assunto que mais me chamou a atenção foi teóricos da Sociologia.” (Lindalva, 2018 2º ano)

“Os conteúdos que trabalhados na sala são bom. Porque, chamou atenção alguns ensinamentos da cultura e o termo do entendimento da sociedade.” (Lourdes, 2018, 3º ano)

“Os conteúdos são bem interessantes e nos levam a refletir sobre: preconceito e cultura, o que me chamou atenção foi a questão do preconceito.” (Jorge, 2018, 3º ano)

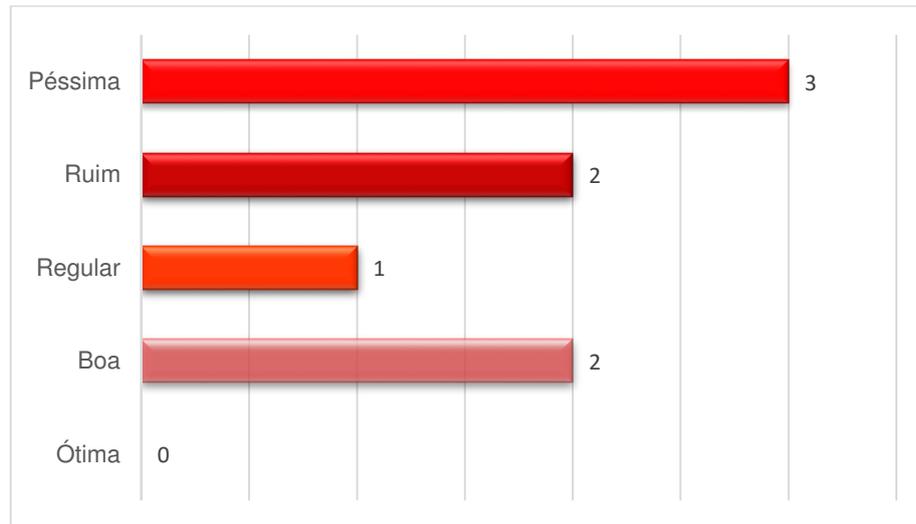
Quando questionados(as) a respeito, do domínio de conteúdos por parte dos docentes, constatamos, que algumas opiniões mostraram que uns confundiam ausência de autoridade com a propriedade dos conteúdos por parte dos docentes, como podemos observar na resposta de Pérola: “Não, não tem domínio nem dos alunos.” (Pérola, 2º ano), enquanto outros consideravam que os mesmos não tinham propriedades dos assuntos trabalhados.

Não podemos deixar de evidenciar que as opiniões dos(as) estudantes, que por sua vez, adolescentes, podem estar baseadas em uma ausência de empatia, e por vezes implicância, com a pessoa do(a) professor(a), ou seja, acabam levando em consideração, suas pré-noções ao invés de interpretarem o lado profissional do(a) docente.

Dando continuidade, os(as) estudantes deveriam avaliar a metodologia como: ótima; boa; regular; ruim; péssima. Além disso havia um espaço para que

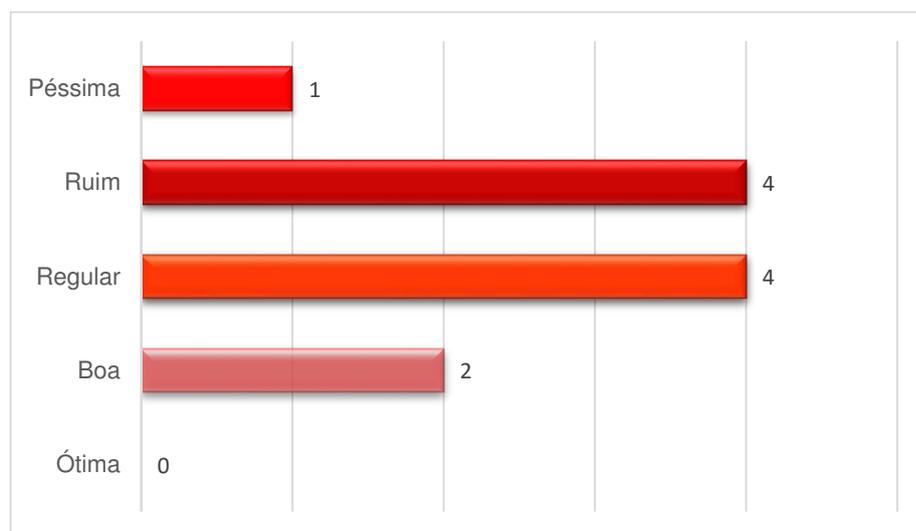
pudessem justificar, tais escolhas. Os gráficos abaixo, demonstram o resultado das respostas dos(as) alunos(as) pesquisados(as), das três turmas de Ensino Médio.

Gráfico 1 – Resultado da avaliação realizada pelos alunos(as) pesquisados(as) de 1º ano, sobre a metodologia utilizada pelo professor de Sociologia em sala de aula.



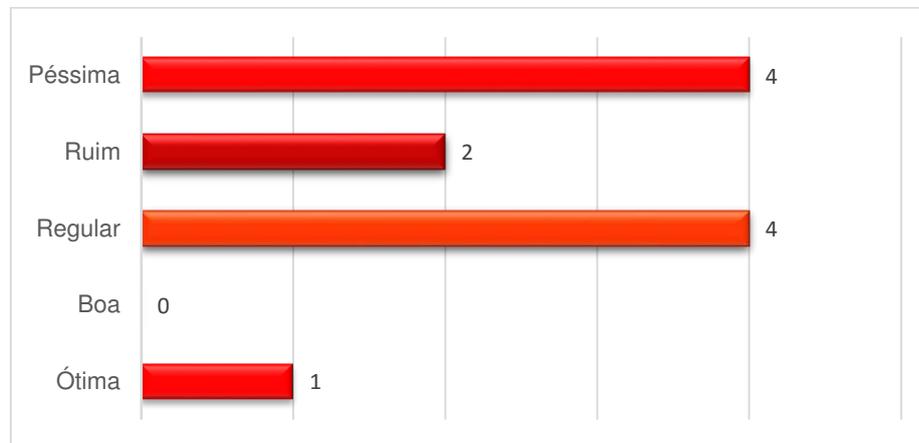
Fonte: da autora

Gráfico 2 – Resultado da avaliação realizada pelos alunos(as) pesquisados(as) de 2º ano, sobre a metodologia utilizada pelo professor de Sociologia em sala de aula.



Fonte: da autora

Gráfico 3- Resultado da avaliação realizada pelos alunos(as) pesquisados(as) de 3º ano, sobre a metodologia utilizada pelo professor de Sociologia em sala de aula



Fonte: da autora

Dentre as justificativas obtivemos aqueles(as), que justificaram suas respostas comparando com outras disciplinas, como podemos perceber no relato de Marcelo: “Ruim. Metodologia irregular com base/ exemplo de outras disciplinas.” (Marcelo, 1ºano) e Eduarda, ao dizer que era: “Regular. Pois é diferente do método de alguns que dá aula, como já falei não tem aulas como práticas etc.” (Eduarda, 2º ano).

Francisca, aluna do 2º ano, justificou que: “Boa. Porque poderia ser melhor poderia ser mais interativo.” (Francisca, 2º ano) e Jorge, aluno do 3º ano, apontou que era: “Ótimo. Porque consigo compreender e não encontro dificuldades.” (Jorge, 3º ano)

A próxima pergunta surgiu através de uma polêmica gerada em torno da Sociologia e da Filosofia recentemente, onde fora proposta uma nova Reforma do Ensino Médio, onde as primeiras ideias giravam em torno da escolha dos estudantes, em relação a quais disciplinas gostariam de estudar, ou seja, escolheriam aquelas que cuja área teriam maior afinidade.

A reforma do ensino médio é uma mudança na sua estrutura do atual do ensino médio. Trata-se de um instrumento fundamental para a melhoria da educação no país. Ao propor a flexibilização da grade curricular, o novo modelo permitirá que o estudante escolha a área de conhecimento para aprofundar seus estudos. (PORTAL MEC,2018)

No entanto em primeira ordem a Sociologia e Filosofia seriam excluídas das disciplinas ditas obrigatórias, entrariam na classificação de disciplinas optativas, e a Sociologia mais uma vez diante de um momento de instabilidade.

Mas devido a diversas mobilizações e críticas a disciplina voltou até então fazer parte das disciplinas obrigatórias, a Reforma do Ensino Médio ainda não fora aplicada, então mudanças ainda podem ocorrer. Esse fato demanda um debate muito grande, porém apenas foi citado, para explicar a escolha por essa pergunta aos alunos(as). A curiosidade de saber se os estudantes optariam ou não pela disciplina, fez com que propuséssemos essa pergunta: *Se você pudesse escolher as disciplinas que gostaria de estudar, a Sociologia estaria dentro das disciplinas escolhidas por você? Por quê?* As respostas obtidas foram bastante interessantes e bem diversificadas em seus significados.

Algumas respostas foram positivas, onde “sim” escolheriam a Sociologia como umas das disciplinas a ser estudadas, seja por acharem fáceis os assuntos, ou por apontarem sua necessidade para sua formação e mais uma vez citaram por simplesmente abordar a questão da sociedade.

“Sim. Porque a Sociologia é muito boa para estudar.” (Paulo,2018,1º ano)

“Sim, porque a Sociologia estuda a sociedade e é sempre bom se manter atualizado de acordo com as aulas na escola.” (João,2018, 2º ano)

“Sim, porque precisamos saber mesmo das coisas da sociedade fora da escola.” (Cássia,2018, 3º ano)

“Sim, porque ela está envolvida com a sociedade, os fatos sociais, então eu preciso disso.” (Alice,2018, 3º ano)

“Sim, claro. A disciplina é essencial para que você aprenda a discutir com o próximo e a fazer escolhas concretas.” (Magno, 2018, 3º ano).

Aqueles que responderam que “não” optariam pela disciplina de Sociologia, explicaram que não tinham afinidade pela mesma, como é possível identificar na fala de Nathalia: “Não, porque a Sociologia não é uma das minhas matérias preferidas.” (Nathália, 3º ano), outro ponto é que podem até perceber a sua relevância porém não se identificam com a mesma, como é possível perceber na resposta de Carlos aluno do 3º ano, ao relatar que: “Não, ela pode até ser muito utilizada mas na minha opinião eu não gosto.” (Carlos, 3º ano).

A vida profissional mais uma vez foi foco de sua “não” escolha, pois não conseguem identificar a Sociologia como algo útil para o futuro profissional: “Não, pois eu procuro na escola, aprendizado para minha vida profissional futuramente.” resposta dada por Pablo aluno 1º ano.

Ao mesmo tempo outro estudante já vê a necessidade de estudá-la, como um suporte para o seu aprendizado futuramente: “Sim, porque a faculdade de direito tem sociologia, é preciso aprender pelo menos um pouco para quando chegar na faculdade para minha pessoa ter uma base.” Luciano, 3º ano

Enquanto outros mais uma vez apontam o professor em suas falas, mais uma vez acabam criticando os professores como responsáveis pela sua não escolha, como podemos perceber nas seguintes respostas: “Não, porque eu acho uma disciplina muito fraca, ainda mais do que eu estou aprendendo em sala de aula ta muito fraco.” (Álvaro, 1º ano). Segundo Larissa, aluna do 2º ano: “Sim, mas pra mim, gostar de estudar a disciplina depende muito do professor, até porque tem que saber dar uma aula boa.” (Larissa, 2º ano), é possível identificar nessa última fala, que a aluna vai relacionar o seu gostar ou não pela disciplina, está diretamente relacionado ao professor, podem ser ou pela empatia ou até mesmo pelos métodos utilizados em sala de aula.

As respostas obtidas através dos questionários por diversas vezes foram contraditórias, é possível perceber isso nas falas acima, onde o(a) estudante, consegue reconhecer a importância da Sociologia na sua vida, porém não escolheria por questão de afinidade. Relembrando sobre qual a opinião da Sociologia alguns também reforçaram a importância da mesma, fazer referência a questões da sociedade, o que garantiram que era importante para seu aprendizado, porém quando indagado sobre se gostavam das aulas, diziam que não, devido a maneira de dar aula do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do ensino da Sociologia na educação básica brasileira, é marcada por sua intermitência e descontinuidade. Passou por alguns períodos onde a sua implantação era “garantida” mas infelizmente em prazos curtos. Entretanto houve períodos onde seria banida e excluída (como por exemplo no período do regime militar). Como disciplina escolar, sempre lutou para alcançar seu reconhecimento e que sua prática fosse efetivada. Desta forma como disciplina ainda necessita ser consagrada como importante assim como as demais disciplinas, para a formação dos indivíduos.

Em decorrência de todos esses percalços que enfrentou durante sua trajetória, o ensino de Sociologia trouxe uma série de resquícios, já relatados nos capítulos abordados nesse trabalho, gerando portanto desafios em relação a eficácia da sua prática de ensino.

Esses desafios são constantemente abordados em diversas pesquisas, sobre o ensino de Sociologia, porém tendo como objeto de estudo a visão dos(as) docentes. Portanto existem outros sujeitos nesse processo de aprendizagem que também devem ser ouvidos, que são os(as) estudantes, pois são eles(as) que vão receber todo o conhecimento e são eles(as) o resultado de todo esse processo de ensino.

O presente trabalho analisou a percepção dos(as) alunos(as) de Ensino Médio relacionada à Sociologia, e através das respostas foi possível perceber que os mesmos, sabem que a Sociologia tem importância, porém sentem uma repulsa pela disciplina, mas não propriamente pela disciplina, mas pela maneira de como a mesma é trabalhada em sala de aula. Essa conclusão foi tirada, através das respostas em relação a opinião sobre a mesma, que foram até positivas, em uma parcela, porém com relação as aulas, juntamente com ausência de apressamento pela pessoa dos professores perceptíveis nas respostas, acabavam que confundindo com a relevância da disciplina, gerando algumas opiniões negativas.

A maioria das opiniões acabavam “culpando” a metodologia utilizada pelo professor em sala de aula, ocasionando portanto uma rejeição, e um desejo em que as aulas tivessem mais dinamismo, principalmente no desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula, ou seja, que fossem utilizados mais recursos: como aulas

práticas, debates em sala de aula, que houvesse uma interação entre aluno(a), dentre outras, ou seja, que a disciplina não fosse apenas teórica.

A respeito dos recursos metodológicos, utilizados pelo professor, a grande maioria apontou para o uso de livro didático e papel xerocado, respostas estas que vão fazer uma ligação, quando apontaram que as aulas são monótonas, e que não chamam atenção dos mesmos, ou seja, transformando o estudo de Sociologia como algo desnecessário, desestimulante e cansativo.

Foi possível perceber através dessa amostra que uma parte dos(as) discentes sentem dificuldades em compreender os assuntos trabalhados em sala de aula, e que os conteúdos não aguçavam seus interesses. Portanto, alguns até citaram alguns temas que identificaram como importantes: como cultura, fatos sociais, os teóricos sociológicos.

Alguns estudantes conseguem identificar a Sociologia fora de sala de aula, enquanto outros, não. Alguns apontaram que não conseguem nem identificar dentro de sala de aula, enquanto outros(as) apontam que não possuem costume de falar com os(as) amigos(as) sobre a disciplina. Através dessas opiniões, é possível perceber que o que tanto é debatido entre autores sobre a contextualização da disciplina não ocorre pelo menos por essa amostra.

De acordo com esses relatos e casando essas respostas, é possível percebermos que a forma de transmissão dos conteúdos, juntamente com uma ausência na utilização de outros materiais didáticos, podem ser apontados como algo que influencia no desinteresse dos(as) discentes. Os(as) estudantes não percebem que a Sociologia envolve tudo o que encontramos na sociedade, contudo, a Sociologia aqui é apenas vista como uma matéria obrigatória.

É possível concluirmos, tendo como referência essa amostra de estudantes, que os mesmos ainda não conseguem identificar o real significado da Sociologia nas suas vidas. Principalmente quando se referem ao fato de não ter utilidade no mercado de trabalho, ou seja, quando afirmam que não conseguem identificar a necessidade de estudo da disciplina para seu futuro. Porém eles(as) entendem que a disciplina se torna importante pois aborda a questão da sociedade na qual estão inclusos, resposta tão utilizada por eles(as), mas que isso não quer dizer que sentem interesse em estudá-la.

As respostas obtidas no decorrer do questionário eram por vezes contraditórias, compreendemos que, o que mais gera essa rejeição em relação as

aulas de Sociologia nessa instituição está diretamente relacionada ao professor. Quero deixar claro que não estamos atribuindo responsabilidades, até porque é algo que percebemos que necessita de uma maior profundidade nas análises, e estamos tendo como referência apenas os resultados que obtivemos através dos questionários.

Portanto pudemos observar que o professor possui um grande papel, diante da percepção dos alunos, queira ou não, o papel do(a) professor(a) é fazer com que os(as) alunos(as) possam compreender e conhecer da melhor forma os conteúdos, não só da Sociologia, mas como de todas as outras também.

A licenciatura não é uma das funções mais fáceis, tem exatamente diversos desafios a serem enfrentados, principalmente nas escolas públicas, em sua maioria, onde os recursos metodológicos são escassos, mas existe sim possibilidade da Sociologia ser apresentada de forma adequada, é possível sim, fazer com que os(as) alunos(as) conheçam o real significado da mesma. Claro que o discurso sempre será mais fácil do que na prática, mas quando se é educador(a) é importante estar preparado para essas adversidades.

A formação dos(as) professores(as) nas áreas adequadas é de extrema importância, cada um sendo responsável pela disciplina que lhe convém, pois não é justo um docente com habilitação somente em matemática, por exemplo, dar aula de Sociologia e vice versa.

No entanto, numa educação em que o objetivo da educação básica não é mais a formação do indivíduo, mas a aprovação no vestibular, sendo os(as) estudantes meros depósitos de um amontoado de conteúdos inúteis, como aborda Mosé (2013), não há como culpar apenas a metodologia dos(as) professores(as), nem mesmo o desinteresse dos(as) alunos(as) pela política, leitura e, principalmente pela Sociologia.

A Sociologia deve ser reconhecida por todos como uma disciplina importante, que abre os olhos de todos(as) aqueles(as) que entram em contato com a mesma, para todas as questões diárias, uma disciplina que aguça pensamentos, gera questionamentos, e transforma indivíduos passivos, em indivíduos completamente ativos na sociedade em que estão. E o momento onde a formação dos indivíduos estão em processo, é justamente na escola, onde deve-se ter maior valorização da mesma.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Gustavo Cravo de. **Sociologia no ensino médio: uma trajetória político-institucional(1982-2008)**. Rio de Janeiro, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- BRASIL. [Lei Darcy ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014**
- CAMPOS, Viviane Alves. **A juventude e o ensino de Sociologia: as percepções de alunos da rede pública do Rio de Janeiro**.in *Conhecimento escolar e ensino de Sociologia: instituições, práticas e percepções/ organização Anita Handfas, Júlia Polessa Maçaira, Alexandre Barbosa Fraga- 1 ed- Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015*
- CANDIDO, Aécio. **A importância da Sociologia no Ensino Médio**. (Texto escrito em julho de 2008 para um seminário sobre Ensino de Sociologia, promovido pelo Centro Academico de Ciencias Sociais na Biblioteca Municipal de Mossoró) Disponível em: www.uern.br. Acesso em: 04 de junho de 2018.
- FEIJÓ, Fernanda. **A Sociologia Contemporânea na sala de aula: (re)pensando algumas perspectivas para o ensino das ciências sociais no ensino médio**. Araraquara, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro. Forense Universitária 2013
- FLORÊNCIO, Maria Amélia de Lemos. **O Ensino da Sociologia no nível médio e as contradições institucionais de sua obrigatoriedade**. Maceió/AL-2011.
- IANNI, Octavio. **Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante/org- São Paulo: expressão popular- 2004**
- _____, Octavio. **Sociologia da Sociologia**. Editora Ática. SÃO PAULO-1989
- KRAWCZYK, Nora. Conhecimento crítico e política educacional: um diálogo difícil, mas necessário. *In: Sociologia do Ensino Médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014.
- LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional- Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização/ José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi – 5 ed- São Paulo 2007**.
- LOURENÇO, Júlio César. **Finalidades, metodologias e perspectivas do ensino de Sociologia no Ensino Médio**. Revista *Habitus – IFCS/UFRJ*, 2008.

MENDONÇA, C.M.S; SILVA, J.J.B; AZAR, Z.S. **A educação do campo no Maranhão: algumas considerações.** Disponível em: site: singa2017.files.wordpress.com.br. Acesso em: 05 de junho de 2018.

MEUCCI, Simone. **Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente.** Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol.51, n.3, p.251-260 setembro/dezembro 2015.

_____, Simone. **Notas para um balanço crítico da produção recente dos livros didáticos de Sociologia no Brasil.** In: Ensino de sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais/ organizador Luiz Fernandes de Oliveira-Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2013.

MORAES, Amaury César. **Desafios para a Implementação do Ensino de Sociologia na escola média brasileira.** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2010.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MOTA, Kelly Cristine Corrêa da Silva. **Os lugares da sociologia na formação de estudantes do ensino médio: as perspectivas de professores.** Disponível em: www.redalyc.org. Acesso em de 30 de mar. 2018

Novo Ensino Médio. Disponível: em www.portal.mec.gov.br Acesso em: 25 de junho 2018

OLIVEIRA, Rúbia Machado de. **“SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?” As práticas escolares do ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria-RS.** Santa Maria, RS, 2015.

PEREIRA, Luiza Helena; **Mudando o rumo dos ventos: a Sociologia no Ensino Médio** In Ensino de sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais/ organizador Luiz Fernandes de Oliveira- Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2013.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973)/ Otaiza de Oliveira Romanelli;** prefaco do prof. Francsico IGLESIAS. 35. ED- Petropolis, RJ: VOZES, 2010.

SANTOS, Mário Bispo dos. **A Sociologia no ensino médio: o que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal.** Brasília, 2002.

SANTOS, Renata Oliveira. **A Sociologia como disciplina escolar: do passado ao presente.** Revista Urutágua- acadêmica multidisciplinar-DCS-UEM. 2011.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **A Sociologia volta à escola: Um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil.** RJ, 2004.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio**. Revista Espaço Acadêmico- Ano I- nº 05- Outubro/2001. Acesso em: 10/01/18.

SILVA, Beatriz Batista. **A Sociologia no Ensino Médio e o seu sentido para os jovens estudantes na compreensão do mundo social**. *In*: Práticas e debates na formação de professores de Sociologia/Ciências Sociais/ Angela Maria de Sousa Lima [et al.] ... (organizadores). – Londrina : UEL, 2013

SILVA, Lucineide Alves da. **A importância da Sociologia no Ensino Médio: perspectivas e entraves no sul da Bahia**. *In*: Práticas e debates na formação de professores de Sociologia/Ciências Sociais/ Angela Maria de Sousa Lima [et al.] ... (organizadores). – Londrina : UEL, 2013

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. **Eu odeio/adoro Sociologia: sentidos que principiam uma prática de ensino**. Disponível em: www.sbsociologia.co.br. Acesso em 04 de jan.2018.

SOUSA, Cássia Fernanda Cutrim de; **Profissão e identidade: uma análise sociológica dos fatores que influenciam na escolha profissional e a consequente construção de identidades profissionais**. São Luís, 2016.

VARGAS, Francisco. E. Beckenkamp. **O ENSINO DA SOCIOLOGIA: Dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento**. UFPel

VIDOTTI, Daniel Alves. **Reflexões sobre o Ensino de Sociologia: um estudo de caso no Colégio Estadual Vicente Rijo (Londrina-PR)**



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

APÊNDICE

Série: _____ gênero: _____
idade: _____

-Questionário referente à monografia cujo tema é: “ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA”.

1-Enumere as disciplinas abaixo, de acordo com a importância que você atribui a cada uma delas.

- () Português
- () Matemática
- () Biologia
- () Química
- () Geografia
- () História
- () Sociologia
- () Física
- () Línguas(inglês/espanhol)
- () Filosofia

2- Qual sua opinião sobre a disciplina de Sociologia?

3- Você gosta das aulas de Sociologia?

- () sim () não

4- Como você gostaria que a disciplina de Sociologia fosse trabalhada em sala de aula?

5- Você encontra a disciplina de Sociologia apenas durante a aula, ou consegue percebê-la em outros momentos fora da escola? Justifique.

6- O que você acha dos conteúdos trabalhados em sala? Qual dos temas trabalhados pelo professor chamou sua atenção?

7- Quais os recursos metodológicos (livro, Datashow etc.), utilizados pelo professor em sala de aula?

8- Se você pudesse escolher as disciplinas que gostaria de estudar, a Sociologia estaria dentro das disciplinas escolhidas por você? Por quê?

9- Você consegue compreender os assuntos trabalhados em sala de aula? Sente alguma dificuldade? Quais?

10- O professor (a) de Sociologia demonstra domínio dos conteúdos trabalhados em sala de aula?

11- Como você avalia a metodologia (forma de dar aula) do professor de Sociologia para o seu aprendizado? Por quê?

- () ótimo () boa
() regular () ruim () péssima

